

**13 de maio de 2017**

**100º Aniversário das aparições de Fátima**

Além dos segredos, a mensagem de Maria às crianças insiste sobre a necessidade de meditar os mistérios da vida de Cristo através da recitação do terço, da oração, da necessidade de fazer sacrifícios pela paz no mundo e a conversão dos pecadores. Os dois primeiros segredos foram oficialmente publicados em 1941. O primeiro refere-se ao anúncio da Segunda Guerra Mundial; o segundo diz respeito à Rússia e sua consagração ao Coração Imaculado de Maria.

Entre 1917 e 1989, a Rússia espalhou no mundo o erro do marxismo, do materialismo ateu.

Comentando as consequências da Revolução bolchevique, Soljenitsyne fala sobre 66 milhões de vítimas inocentes e, entre estas vítimas, tantos e tantos russos crentes, geralmente ortodoxos arbitrariamente separados, deslocados, submetidos a todos os tipos de humilhações e privações: mártires conhecidos ou desconhecidos... Desde 1989, temos visto Igrejas reflorescerem na Rússia; os seminários estão cheios e os valores familiares são respeitados. A pobreza não foi erradicada e a justiça não é perfeita, mas a política familiar e cultural é amplamente apreciada pelo povo. Em resumo, é sensato falar de uma conversão da Rússia e de um tempo de paz.

Seria esta feliz mudança a única finalidade das Aparições de Fátima? Certamente não. É apenas um encorajamento para compreender o poder e a fecundidade da mensagem de Fátima a fim de continuar a consagrar-se ao Coração Imaculado de Maria. Pois, “o Triunfo do seu Coração Imaculado” deve acompanhar a vinda gloriosa do Cristo.



## 1617 - 2017 400º aniversário do carisma

### Sumário

#### Vida espiritual

- 130 Carta de 9 de maio de 2017  
*“Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe!”*  
Irmã Kathleen Appler, Superiora geral
- 132 Carta de 8 de março de 2017  
Padre Tomaz Mavric, Superior geral
- 134 “Idas e vindas”  
Padre Yves Bouchet, Diretor provincial

#### **Jubileu 2017 da Família Vicentina**

##### “Eu era estrangeiro e me acolhestes”

- 145 Sessão de Irmãs da Europa a serviço dos migrantes  
Fundamentos evangélicos para o acolhimento dos migrantes  
Irmã Begona Inarra, Irmã Missionária Nossa Senhora da África

#### Obras de misericórdia

- 155 Província de Santa Luísa - E.U.A  
A misericórdia nunca é forçada  
Irmã Emile Morgan, Filha da Caridade
- 160 Província da Eslováquia  
Sair do círculo vicioso  
A Comunidade de Lokca
- 162 Província dos Camarões  
*“Todas as vezes que fizestes isto a um destes pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”*  
As Irmãs da Província

#### História da Companhia

- 168 A vida de Vicente de Paulo  
Marie-Joëlle Guillaume, historiadora católica.

**Carta de 9 de maio de 2017**

*“Pedi muito à Santíssima Virgem  
que seja vossa única Mãe!”*

(Testamento de Santa Luísa)

Queridas Irmãs,

*“Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe!”*

Feliz dia de Santa Luísa de Marillac! Que bela coincidência Santa Luísa, que tinha uma grande devoção à Santíssima Virgem e, por isso, nos recomendou a ela recorrer, ter sido beatificada pelo Papa Bento XV, no dia 09 de maio de 1920, neste mês em que honramos Maria de modo singular! Demos graças por todos os benefícios recebidos por sua intercessão e proteção materna desde o início da Companhia!

Há uma semana, temos a grande alegria de acolher na Casa Mãe as 84 participantes do Seminário. A dedicação e generosidade de cada uma a serviço da missão são palpáveis e o entusiasmo é contagiante. O tema deste encontro: *Com a audácia da Caridade, ousemos formar para o futuro*, sublinha a importância para o presente e o futuro da Companhia. A partir das contribuições de conferencistas especializados, elas partilham suas experiências, dúvidas, sugestões num clima bem fraterno. À Santa Luísa, que formou as primeiras Irmãs, peçamos conceder as graças de que as formadoras necessitam para discernir, ajudar e acompanhar as jovens que se apresentam para entrar na Companhia e as Irmãs jovens. Apoiemo-las com nossa oração nesta tarefa delicada e difícil!

Aproximando-nos da festa de Pentecostes que será celebrada em 4 de junho, data do aniversário da *luz de Pentecostes* em 1623, muito preciosa ao coração de Santa Luísa, permitam-me lembrar-lhes que neste ano do 4º centenário do aniversário do carisma vicentino, convidei-as na minha carta de 1º de janeiro de 2017 a prever um tempo de ação de graças, em torno desta data, em comunhão com toda a Companhia. Confio na criatividade de cada uma para, com toda simplicidade, procurar a melhor forma de expressar durante uma celebração comunitária nosso amor pelo carisma à *luz de Pentecostes* e integrar na mesma a oração aos Fundadores. Esta será uma ocasião para fortalecer o nosso espírito de comunhão e nossa pertença a uma Companhia internacional (Documento Interassembleias p. 19).

Continuemos a trazer em nossa oração todas as pessoas e nossas Irmãs que vivem situações difíceis em muitos países por causa da instabilidade política, econômica, social ou por causa de catástrofes naturais com consequências desastrosas para os mais pobres e os mais fracos. São tantos os países atingidos de uma maneira ou de outra que é impossível querer nomeá-los todos! Peçamos à nossa única Mãe para sermos fiéis ao nosso carisma vicentino a fim de reconfortar e apoiar todos aqueles que sofrem em todo o mundo e de restaurar a sua confiança e esperança.

Com toda simplicidade, neste dia da Festa de Santa Luísa, façamos nossa sua oração de oferecimento à Virgem Maria: "Sou toda vossa, Santíssima Virgem, para ser mais perfeitamente de Deus. Se, pois, vos pertenço, ensinai-me a imitar a vossa santa vida, mediante o cumprimento do que Deus quer de mim. Com toda humildade reclamo a vossa ajuda; vós que conheceis minha fraqueza, vede meu coração e dignai-vos suprir com vossas preces o que eu deixar de fazer por minha incapacidade e negligência e visto que foi de vosso amado Filho, meu Redentor, que recebestes as heroicas virtudes que praticastes neste mundo, uni o espírito de minhas ações à sua santa presença, para glória de seu santo Amor. Toda criatura

honre vossas grandezas, vos veja como meio seguro de ir a Deus, vos ame de preferência a qualquer outra criatura e todas elas vos tributem a glória que mereceis como Filha muito amada do Pai, Mãe do Filho e digna Esposa do Espírito Santo" (Santa Luísa A4, trecho da Oblação à Virgem Maria).

Que pela intercessão de Santa Luísa, a Virgem Maria nos acompanhe e nos ajude a ser, a seu exemplo, dóceis à ação do Espírito Santo!

Com toda afeição e a certeza de minha oração,

Irmã Kathleen APPLER  
*Filha da Caridade*

TOMAŽ MAVRIČ, SUPERIOR GERAL

### **Carta de 8 de março de 2017**

Prezados Coirmãos, Irmãs e membros da Família Vicentina,

A graça e a paz de Jesus estejam sempre conosco!

Recentemente, chamou nossa atenção que as informações referentes ao calendário litúrgico vicentino atualizado não lhes foram comunicadas. Aparentemente, a carta que deveria ter sido traduzida, perdeu-se entre dois gabinetes da Cúria generalícia da Congregação da Missão. Lamentamos o atraso no envio destas informações, que deveriam ter sido remetidas no mês de abril do ano passado.

Assim sendo, envio-lhes agora o calendário litúrgico vicentino atualizado. O calendário litúrgico vicentino é aprovado pela Congregação da Missão e as Filhas da Caridade. Ele não se restringe à Família Vicentina.

A mudança da data, de 15 de março para 9 de maio, para celebrar a solenidade de Santa Luísa de Marillac, foi comunicada no ano passado.

Outra mudança de data refere-se à celebração da memória de São Francisco Régis Clet. Passou-se de 18 de fevereiro para 9 de julho. A razão desta mudança é para unir esta memória à de outros mártires da mesma categoria no calendário universal. Como se trata do calendário próprio, tivemos o privilégio de mencionar primeiro o nome de São Francisco Régis Clet, seguido por Augustini Zhao Rong e seus companheiros.

No dia 28 de julho, encontra-se o nome de um santo que não é vicentino. De fato, no calendário universal a memória de São Pedro Crisólogo cai no dia 30 de julho. No entanto, a fim de manter a data de 30 de julho para São Justino de Jacobis, tivemos que inserir o nome de São Pedro Crisólogo em outra data no nosso calendário. Isto ocorre somente quando há uma memória que coincide com a de outro santo no calendário universal.

Pode-se observar que algumas memórias se tornaram facultativas no calendário atual. No entanto, são memórias obrigatórias para o país de origem do bem-aventurado ou do santo. Isto não significa que outros não devam celebrar suas memórias.

Foi-nos sugerido retirar a festa da Conversão de São Paulo (25 de janeiro) do nosso calendário próprio, pois, trata-se de uma festa universal. No entanto, ficou estabelecido que ela permanecerá em nosso calendário, porque já existem orações aprovadas para esta festa da Congregação.

Quando os nomes dos mártires não são mencionados no calendário vicentino oficialmente aprovado (por exemplo, no dia 26 de junho), temos a liberdade de mencionar todos os nomes que se encontram no Ordo.

Agradeço-lhes a atenção a estas mudanças. Que Deus abençoe a cada um de nós, enquanto continuamos a celebrar o Ano Jubilar, marcando o nascimento do nosso carisma.

Seu irmão em São Vicente,

Tomaž MAVRIČ, CM  
Superior geral

PADRE YVES BOUCHET, CM

### "Idas e vindas"

*"No dia de Pentecostes, participando da Santa Missa ou fazendo oração na Igreja, de repente, fui esclarecida de minhas dúvidas e avisada de que deveria permanecer com meu marido e, tempo viria em que estaria em condições de fazer voto de pobreza, de castidade e obediência, numa pequena comunidade, com pessoas que fariam o mesmo. Entendi, então, que isso seria num lugar dedicado a servir ao próximo: não podia, porém, compreender de que jeito se faria isso, porque, haveria "idas e vindas"."*

**"Idas e vindas"**: esta expressão nos coloca imediatamente em uma dinâmica de movimento. As definições do dicionário também indicam isto, quando falam sobre uma pessoa, de um grupo ou o seu comportamento: "aquele que ama o movimento, que é ativo".

Ousemos um olhar de fé para enraizar estas "idas e vindas", na Escritura e no mistério cristão, vinculado à vocação batismal.

Devemos acolher estas **"Idas e vindas"**, como uma dinâmica de vida, que vem de algo que é maior do que nós, pois ela vem do próprio Deus, do seu Ser e do seu Mistério. Poderíamos dizer, utilizando uma imagem, que o movimento de ir e vir seria então as batidas do coração de Deus? *"Senhor! Deus misericordioso e clemente, paciente, rico em bondade e fiel"* apresenta-se a Moisés no momento de renovar a Aliança com as novas tábuas da Lei (Ex 34, 6). Foi exatamente este Deus que ouviu a aflição do seu povo, que viu a miséria e decidiu libertá-lo, confiando a Moisés esta missão (Ex 3,7).

Toda história bíblica é a ressonância deste movimento de Deus que vem ao encontro do homem e que estabelece com Ele uma história de Aliança: são as idas e vindas do amor, indo e vindo.

Estas idas e vindas, este movimento de vida é primeiro um ato do criador: *"O Senhor Deus formou o homem do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem tornou-se um ser vivente"* (Gn 2, 7). A Bíblia nos diz que Deus insuflou o sopro da vida. São as batidas do coração de Deus que dão vida. O homem se torna um ser vivo. Um ser vivo significa um ser em movimento, que entra em relação, numa constante ida e vinda, à imagem de Deus. Podemos compreender melhor estas "idas e vindas" quando

Deus diz: *“Não é bom que o homem esteja só”* (Gn 2, 18). O homem foi criado para viver em complementaridade, em comunhão com a mulher, indo e vindo. Nestas idas e vindas o homem se tornará, por sua vez, portador de vida.

Portanto, estas "idas e vindas" instauram-se por decisão do próprio Deus entre ele e o homem, este homem que ele criou à sua imagem. Este "ir e vir" é portanto o reflexo do próprio Ser de Deus em sua Trindade, ou seja, um ser relacional, comunicante e, cuja seiva é o amor. É o que Jesus nos revelará ao falar sobre a relação entre seu Pai, Ele e o Espírito Santo (cf. Jo 14ss: Jesus, o Caminho e a revelação do Pai e a promessa do Espírito).

Nós proclamamos que Deus é único, porém, não é solitário. Ele é como uma família onde tudo é absolutamente comum, onde cada um é ao mesmo tempo único em sua relação com o outro. A afirmação da Trindade significa de fato que Deus é uma eterna circulação de luz e de amor, um movimento, um vai e vem, um "indo e vindo" entre as pessoas e no respeito às pessoas".

Cito aqui Maurice Zundel que ousa colocar lado a lado estas duas palavras: "Trindade" e "Pobreza", no sentido em que a Trindade é compreendida como uma eterna circulação de amor, portanto, como dom de si mesmo, um despojamento; ela pode ser, de fato, expressão da Pobreza. A verdadeira Pobreza é em si, dom de si-mesma. *“A verdadeira pobreza é em si mesma, dom de si, o círculo trinitário é um dom sem fim entre as três pessoas”*.

Sabemos o quanto São Vicente insiste para que nossas comunidades sejam a Imagem da Santíssima Trindade.

**"Idas e vindas"**: na Bíblia, os livros do Antigo Testamento (*Êxodo, Reis, Profetas, etc.*) repercutem estas "idas e vindas" de Deus em direção ao homem e, do homem a Deus. Destacamos o elo da multiplicidade das ações de Deus para com seu povo e as respostas deste último.

Assim, do cuidado de Deus buscando Adão no jardim do Edem: Adão *“Onde estás? - Ele respondeu: “Ouvi o barulho dos vossos passos no jardim; tive medo, porque estou nu; e ocultei-me”* (Gn 3, 9), até o envio do seu próprio Filho para encontrar o homem em sua nudez e salvá-lo definitivamente, tudo é uma questão de idas e vindas, de movimentos, ou seja, de relações, de comunicações, de vida com incompreensões, com frequentes traições, mas sempre com reconciliação e perdão, uma aliança, incessantemente renovada. Fundamentado e baseado no amor indefectível de Deus, na fidelidade à sua Palavra, nós cantamos: *“Sois o Deus eternamente fiel!”*.

*“Ah! Se vós não me tivestes encontrado, eu não vos teria buscado!”* Estamos neste movimento de idas e vindas.

Certamente que estas "idas e vindas" encontram seu apogeu no mistério da Encarnação: *“Embora fosse de divina condição, Cristo Jesus não se apegou ciosamente a ser igual em natureza a Deus Pai. Porém esvaziou-se de sua glória e assumiu a condição de um escravo, fazendo-se semelhante aos homens. Reconhecido exteriormente como homem, humilhou-se, obedecendo até a morte, até a morte humilhante numa cruz. Por isso Deus o exaltou sobremaneira e deu-lhe o nome mais excelso, mais sublime, e elevado muito acima de outro nome. Para que perante o nome de Jesus se dobre reverente todo joelho, seja nos céus, seja na terra ou nos abismos. E toda língua reconheça, confessando para a glória de Deus Pai e seu louvor: na verdade Jesus Cristo é o Senhor!”* (Fil 2, 6-11).

Deus enviou seu Filho, o Emanuel, Deus conosco para nos reconciliarmos com Ele. A reconciliação só pode ser vivida na dinâmica do ir e vir, de um indo e vindo.

Assim, em um determinado momento, Deus se move, ele se desloca no espaço geográfico; ele vem, atravessa o céu para nos encontrar em nossa realidade humana". *"E habitou entre nós"* (Jo 1, 14). O próprio Deus vai inclusive se deslocar para ir ao nosso encontro, geograficamente e no tempo. Observemos ainda que é o próprio Deus que tem a iniciativa e quem dá o primeiro passo.

As **"idas e vindas"** certamente são uma realidade do mistério de Deus, que através do sopro de sua criação (o homem criado sua imagem) se torna constitutivo do nosso ser.

Vemos que esta dinâmica das "idas e vindas" se traduz em um movimento, em deslocamentos geográficos, entretanto, ela se refere também e mais profundamente a um movimento do coração, de uma experiência espiritual, de uma maneira de estar em relação, em proximidade, em permuta, em partilha, em uma real atitude de serviço, de disponibilidade, de escuta, de respeito ao outro, de confiança no outro.

Todos nós, em muitos momentos de nossa existência, vivemos mudanças em nós mesmos, mudanças que podemos chamar de conversão. Às vezes essas mudanças interiores são mais difíceis de realizar do que as mudanças geográficas.

Assim, ocorre em nossas mudanças na maneira de ver Deus, de nos aproximarmos de Deus, dos outros, das coisas.

À maneira de Deus, **"indo e vindo"** é o próprio movimento da vida que nos inquieta com suas próprias evoluções que, muitas vezes incomodam, questionam, desestabilizam. O próprio Deus se inquieta: Adão, onde estás ?

Logo, as **"idas e vindas"** levam a uma adaptação às novas realidades, às novas situações de pobreza do nosso mundo e da nossa própria realidade provincial, comunitária e pessoal, ou, como vocês dizem, a ousar a audácia da caridade. Deus ousou o caminho da Encarnação, ousou de uma louca maneira, ir ao nosso encontro, lá onde estávamos, em um lugar concreto (*cf. Lc 2, O nascimento de Jesus*). Com Ele, devemos viver as idas e vindas: *"O amor é inventivo até o infinito"* disse o Padre Vicente.

As **"idas e vindas"** devem abrir-nos a ousar o hoje, com serenidade e confiança, aceitando que hoje não seja como ontem, a superar às vezes as nossas reações: *"sempre foi feito desta maneira"*, a quebrar a rotina, os costumes. Penso na canção "La rouille" (a ferrugem) de Maxime Le Forestier: *o costume nos prega peças, nós pensávamos que o nosso amor tinha uma saúde de ferro*". Abrir-nos à Boa Nova do Evangelho, ao Reino de Deus que floresce e surpreende nosso hoje.

*"Jesus veio à cidade de Nazaré, onde se tinha criado. Conforme seu costume, entrou na sinagoga no sábado, e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus achou a passagem em que está escrito: 'O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos cativos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor. Depois fechou o livro, entregou-o ao ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então começou a dizer-lhes: 'Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir'" (Lc 4, 16-21).*

O próprio Deus se adaptou ao homem. Ele ousou despojar-se de si mesmo para fazer-se próximo de nós e enriquecer-nos com sua divindade. Com Jesus, nada mais é como antes, mesmo se Ele não veio abolir a Lei, mas cumpri-la. *"Não penseis que vem abolir a Lei e os Profetas. Não vim para abolir, mas para dar-lhes pleno cumprimento"* (Mt 5, 17).

As **"idas e vindas"** estão inscritas na caminhada de todo batizado, mas para as Filhas da Caridade, elas estão de uma maneira especial: é sua vocação, a vocação pessoal e comunitária para servir e para encaminhá-las pessoal e comunitariamente à santidade.

Portanto, estamos bem dentro deste movimento de "idas e vindas", não para nos deslocarmos como pessoas desenfreadas que nunca se sentem bem onde estão, ou que correm, precipitando-se atrás de publicidade de todas as novidades, mas "indo e vindo" para viver o encontro de Deus e do homem de hoje. Eis o que define a vocação da Filha da Caridade: O serviço de Cristo nos pobres e, isto, em comunidade.

### **"IDAS E VINDAS"**

Ao recordar que as Filhas da Caridade não são religiosas, mas Irmãs que vão e vêm como seculares (São Vicente ao Padre Tiago de la Fosse em 1660), São Vicente e Santa Luísa insistiam sobre as exigências que isto implica.

A C. 7a diz: *"As Filhas da Caridade, em fidelidade a seu batismo e em resposta ao apelo de Deus, doam-se inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, seus irmãos, com um espírito evangélico de humildade, simplicidade e caridade"*.

As Filhas da Caridade são convidadas a frequentar a escola de Cristo para viver a vocação do serviço de Cristo nos pobres. Revelar a cor que deve ter esta dimensão das "idas e vindas". Coloquemo-nos com simplicidade na escola de Jesus e sigamo-lo em sua missão. São Vicente sempre nos convidou a nos revestirmos dos sentimentos de Cristo, a fazer o que o Filho de Deus fez. São Paulo já convidava os primeiros cristãos a viverem desta maneira.

**"Indo e vindo"**: Contemplemos Jesus indo e vindo pelas terras Palestinas. Identifiquemos deslocamentos geográficos e deslocamento de lugares. Jesus se deslocou para ir ao encontro dos homens e cumprir a missão que lhe foi confiada pelo seu Pai, que é o anúncio da Boa Nova da Salvação. Observemos que cada um dos quatro evangelistas apresenta aos seus leitores uma história dos deslocamentos de Jesus, em função da lógica teológica que pretendem destacar.

O que nós queremos destacar é o objetivo destes deslocamentos geográficos (o encontro com os homens) e a maneira como Jesus vive estes encontros com os homens e estes deslocamentos com eles.

Primeiro Jesus se aproxima como um irmão, um companheiro em humanidade. Ele é o irmão de sangue que se compadece, que compartilha, que vibra com as alegrias e com os sofrimentos. Suas palavras, suas ações, suas atitudes traduzem a afeição paterna que Deus tem por seus filhos. Deus ama, ele é Pai. E, porque Deus ama a cada um dos seus filhos, porque ama a humanidade, Ele nos dá seu próprio Filho. Não é o pecado que é o motivo da Encarnação, mas o Amor. Isso inverte a situação do nosso anúncio do Evangelho. *"Deus amou tanto o mundo que nos deu o seu próprio Filho"* (Jo 3, 16), o Amor está no centro do encontro.

**“Idas e vindas”**: seguindo o exemplo de Jesus, somos convidados a permanecer em uma atitude de disponibilidade para viver o encontro com os irmãos e, particularmente os mais pobres, com um espírito de simplicidade, de benevolência, sem preconceitos. Também somos irmãos e irmãs, companheiros de humanidade e de coração que devem compartilhar as alegrias e tristezas dos homens do nosso tempo, como nos disse o Concílio Vaticano II. Em primeiro lugar, devemos ser companheiros de humanidade, é o que o Papa Francisco, à sua maneira, gosta de repetir à Igreja.

**“Idas e vindas”**: Olhemos para Jesus. Quando Ele se encontra com as pessoas, aceita também deixar que elas o encontrem. Quando Jesus encontra o homem, dizemos de forma apropriada que este encontro faz o homem se conscientizar de sua verdadeira identidade. Jesus me revela quem sou, com minhas fragilidades, mas também com a minha riqueza maior que é ser um filho de Deus.

Jesus se deixa encontrar por aqueles com quem dialoga, com as fragilidades do homem ferido, do homem pecador, pois fazem Jesus ser o que é: o Messias de Deus, portador da Vida. As idas e vindas do encontro e no encontro fazem a verdade acontecer (cf. a Samaritana, Jo 4, 4-38).

Nestas “idas e vindas” descobrimos também Jesus com capacidade de maravilhar-se com a fé do homem. Penso em Jesus quando ele se maravilha com a fé do centurião de Cafarnaum. *“Em verdade, vos digo: nunca encontrei em Israel alguém que tivesse tanta fé”* (Mt 8, 10b); ou ainda quando ele é tocado pela audácia das pessoas que lhe levaram o paralítico, abrindo o telhado da casa: *“Quando viu a fé daqueles homens, Jesus disse ao paralítico: ‘Filho, os teus pecados estão perdoados’* (Mc 2, 5).

As **“idas e vindas”** são conjugadas no quesito da alteridade, da partilha. Eu dou e recebo. Poder reconhecer nos pobres que encontro o rosto de Cristo e como os pobres me ajudam a ser o que sou e ou o que eu deveria ser. Os pobres que cada uma encontra, que cada uma serve, fazem-nas tornar-se Filha da Caridade.

**“Idas e vindas”**: Jesus se preocupa sempre em adaptar a linguagem, a palavra em função da pessoa ou das pessoas encontradas. O que move Jesus é o amor, o desejo de realmente encontrar o outro naquilo que ele é, em sua história. É o amor que impulsiona Jesus a se adaptar, a fazer-se próximo e compreendido. Conhecemos a linguagem das parábolas que Jesus gostava de utilizar: empregando símbolos, imagens retiradas das realidades terrestres para significar as realidades reveladas por Deus, mas que devem ser sempre profundamente explicadas. Isto necessita escuta, flexibilidade, abertura, paciência e ternura.

Nestas “idas e vindas” Jesus tem a preocupação de traduzir da melhor maneira possível, através de gestos e palavras, uma linguagem compreensível do amor do Pai.

Já faz alguns anos que, quando falamos sobre a Nova Evangelização, falamos na realidade desta atitude: anunciar a Boa Nova do Evangelho aos nossos irmãos contemporâneos em uma linguagem compreensível. Isto deve nos questionar em função das mentalidades modernas, desta nova era dos meios de comunicação...

Seguindo os passos de Jesus, **as “idas e vindas”** nos convidam hoje a assumir o risco de sermos presença amorosa que revela o amor de Deus, com linguagem e atitudes compreensivas para os nossos contemporâneos. Tudo isto necessita uma adaptação das nossas comunidades, em função das realidades de hoje, da sociedade e da Igreja. Recordemos as palavras de São Vicente: *“o amor é inventivo ao infinito”*.

Seguindo os passos de Jesus, nas **“idas e vindas”**, as Filhas da Caridade são chamadas a ir ao encontro dos nossos irmãos e irmãs, especialmente, dos pobres, segundo a própria vocação, para tornar visível nos quatro cantos do mundo a Caridade de Cristo. Existe uma frase que compõe o emblema da Companhia: *“A caridade de Cristo crucificado nos impele”*. Isto se traduz por “estar com”, participando da vida das pessoas, através da presença humilde e discreta, de um ouvido que escuta, que acolhe, de mãos ofertadas para o serviço através das pequenas coisas do cotidiano ou do compromisso com os outros no serviço da promoção da pessoa.

Ser simplesmente oração, vida doada, uma Filha da Caridade que ama com todo o seu coração, em comunhão com o Senhor, inclusive quando a sua saúde está frágil, limitada, com perda das energias devido ao envelhecimento e, até mesmo quando somos atingidos por enfermidades ou invalidez. Tantas realidades de vida, através das quais as Filhas da Caridade são convidadas a traduzirem, a exemplo de Jesus, o amor pela humanidade e particularmente, pelos mais sofredores e mais humildes.

Mère Guillemin disse: *“o primeiro reflexo do amor é tender à semelhança com os que amamos. Como amaríamos realmente os Pobres sem nos sentirmos impelidas a deles nos aproximarmos...?”* (2 de fevereiro de 1968). Tudo isto nos remete à maneira como Santa Luísa e São Vicente desejaram que as Irmãs estivessem situadas, não como religiosas fechadas em um claustro, mas no coração da cidade e da vida dos pobres: *“por mosteiro senão as casas dos doentes, as ruas da cidade, a capela, a Igreja da paróquia”*.

Trata-se de estar próximo, de estar com, de compartilhar, de cuidar, de servir, não para converter mas para traduzir o amor de Deus. Somente o Espírito de Deus é capaz de abrir os corações à conversão. No entanto, nosso serviço de Cristo nos pobres é para nós mesmos, caminho de conversão, pois é onde o seu Espírito nos espera.

Com o Cristo nestas **“Idas e vindas”**, as Filhas da Caridade são testemunhas da Gratuidade do Amor de Deus.

**“Idas e vindas”**: contemplemos novamente Jesus neste movimento de relação com seu Pai. “Idas e vindas” em um diálogo de amor, de confiança. O Evangelho nos apresenta várias ocasiões em que Jesus está em oração, em diálogo com seu Pai, por exemplo: ação de graças... *“Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos”* (Mt 11, 25).

Em diferentes momentos, Jesus se retirava para rezar ao seu Pai, retirava-se sozinho para rezar: *“Ele porém, se retirava para lugares solitários e se entregava à oração”* (Lc 5, 16): antes das decisões importantes, de manifestações de Jesus ou ainda, no momento de provação, de agonia: *“Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres”* (Mt 26, 36ss). As idas e vindas de Jesus com seu Pai e seus discípulos na oração do Pai-Nosso (Lc 11, 1-4). No Evangelho de São João, Jesus nos entrega toda a dimensão do amor Trinitário que une o Pai, o Filho e o Espírito. *“Como o Pai me conhece e eu conheço o Pai ...ao Pai voltarei... O Espírito Santo vos fará conhecer toda a verdade... O Pai e eu somos um...”* (Jo 10, 15; 16, 28; 14, 26; 10, 30).

**“Idas e vindas”**: aqui está toda a revelação da comunhão de Jesus com seu Pai e no Espírito. Jesus vem realizar a vontade do Pai assumindo a missão que lhe foi confiada. Jesus nos leva com Ele no movimento de interioridade, de oração, de abandono, de descentralização, de obediência. *“Eis que venho, ó Pai, para fazer a vossa Vontade”*.

Conhecemos o quanto São Vicente insiste neste ponto da realização da vontade de Deus, e no aspecto da oração, da meditação, nestas “idas e vindas” do coração, do coração do homem e do coração de Deus, sem as quais não poderíamos viver aquilo a que somos chamados.

Nesta dimensão as “*idas e vindas*” nos remetem à nossa vida espiritual, pessoal e comunitária. Sem esta revitalização, esta consciência de estar a serviço de Cristo na pessoa dos pobres, fortalecidas na oração e nos sacramentos, nós nos tornaremos uma flor seca e murcha. Entretanto, ela não será mais uma flor: não terá mais a beleza, nem o perfume... ou alguma razão para alegrar a casa, embelezar o jardim e estar em meio às outras flores e, menos ainda, para alegrar o transeunte que sentiria o perfume no caminho.

Nestas “*Idas e vindas*”, também contemplamos Jesus com seus discípulos. O Evangelho nos apresenta ao longo de suas páginas, Jesus caminhando com seus discípulos ou em uma casa, ensinando ou compartilhando. Lembremo-nos aqui, mais concretamente, do episódio no qual ao retornar da missão, os discípulos relataram a Jesus o que viram e o que fizeram. Este gesto evoca a dimensão comunitária. Reunidas e enviadas para servir o Cristo nos pobres. Nestas “idas e vindas” o que está em questão é a vida de relação, a simplicidade nas partilhas, a necessidade de prestar contas, não com um espírito de indiscrição ou de competitividade, mas para compartilhar algo de que se é testemunha e a maneira como tomo parte no anúncio da Boa nova, até o ponto de juntos podermos clamar como Jesus: “Pai, eu vos dou graça...” Pai, nós vos damos graças.

Existe a necessidade de sentarmos juntos para reler, rezar, celebrar, discernir a ação do Espírito, avaliar e retificar se for necessário para melhor avançar, para nos formarmos em todos os níveis.

Estas “*Idas e vindas*” dos tempos comunitários são momentos privilegiados para fazer crescer a Fé entre as Filhas da Caridade, fortificar-lhes na vocação comum. Às vezes, isto permite também relativizar os acontecimentos, as dificuldades, os fracassos. Lembrar umas às outras que “*o servo não é maior que o mestre*”.

É neste movimento de partilha, de diálogo, de releitura, de oração, de celebração e de perdão que se constrói a Comunidade e, juntas permanecem sendo sinal e testemunho da caridade do Cristo para com os seus irmãos e irmãs, fiéis à vocação para a qual Deus as reuniu.

“*Idas e vindas*”: Um aspecto importante em nossa vida de Fé é repetir para nós mesmos, que neste movimento, Cristo nos leva com Ele, indo e vindo em sua Morte e sua Ressurreição. Devo dizer que este é o aspecto fundamental de toda vocação batismal, e conseqüentemente, da vocação própria da Filha da Caridade. “*Ir e vir*” com Jesus Cristo, em sua morte e sua ressurreição é participar da sua vida. Estamos lá no centro do Mistério Pascal sem o qual não estaríamos aqui, nem vocês, nem eu, nem a Companhia, nem a Igreja.

**Como exortação : é bom falar sobre as idas e vindas, mas devemos vivê-las!**

É realmente no seguimento de Cristo e com Ele, nas pegadas de Santa Luísa e São Vicente que as Filhas da Caridade podem caminhar nos passos das “*idas e vindas*”. Tudo isto as levará sempre a melhor amar e servir o Cristo na pessoa dos pobres, dos feridos da vida do nosso cotidiano, com a certeza de que é neste caminho que o Senhor as espera e se encontra com todas, para fazer de cada uma, de suas Comunidades e da Companhia, mulheres plenamente felizes e alegres por terem sido chamadas e reunidas a participar da missão de Cristo evangelizador dos pobres.

## **DEIXO-LHES COMO CONCLUSÃO AS PALAVRAS DO PADRE VICENTE:**

*A Providência reuniu aqui doze de vós e parece que com o fim de honrardes a sua vida humana na terra. Oh! Que vantagem estar em Comunidade, pois cada membro participa do bem que faz todo o corpo! Tereis por esse meio uma graça mais abundante. Nosso Senhor no-la prometeu ao dizer: “Quando vos reunirdes dois em Meu nome, Eu estarei no meio de vós” (Mt. 18, 20). Com maior razão quando estiverem muitos com o mesmo fim de servirem a Deus. Meu Pai e eu viremos fazer neles a nossa morada, se nos amarem (Jo 14, 23). Foi pelas pessoas que têm o mesmo espírito e nesse espírito se induzem umas às outras a honrar a Deus, que o Seu Filho pediu na última oração que fez antes da sua Paixão, dizendo: “Meu Pai, Eu vos peço que aqueles que Me destes sejam um, como Vós e Eu somos um” (Jo 17, 11)” (SV, conf. de 31 de Julho de 1634, pág. 1).*

Padre Yves BOUCHET, CM  
Diretor Provincial

### **IRMÃ BEGONÁ IÑARRA, SMNDA**

Sessão de Irmãs da Europa  
a serviço dos Migrantes

*“Era estrangeiro e me acolhestes”*

### **Fundamentos evangélicos para o acolhimento dos migrantes**

Apontamentos feitos ao longo da conferência, o estilo oral foi conservado.

## **I - DEUS NOS CHAMA PARA CUIDAR DOS NOSSOS IRMÃOS E IRMÃS**

Vejamos o que Jesus nos diz com relação à nossa maneira de agir, nossa maneira de ser, nossa maneira de olhar o estrangeiro. Ele nos dá um esplêndido exemplo na parábola do Bom Samaritano. Não vou dizer nada de novo, apenas vamos observar juntas como Jesus nos apresenta a maneira de agir diante de um estrangeiro com necessidades.

O Samaritano era um estrangeiro para um judeu; um estrangeiro não suscita simpatia, não é respeitado, é considerado como alguém inferior, em quem não se pode confiar, não muito justo, etc.. No entanto, o que nos é dito sobre este Samaritano é que ele toma para si a responsabilidade, encarrega-se da situação.

Logo, nesta parábola do Bom Samaritano, Jesus nos apresenta o amor em ação, indica-nos qual atitude devemos ter para com aqueles que estão necessitados. A parábola realiza uma mudança decisiva quanto à noção própria do termo próximo. Enquanto, espontaneamente, colocamo-nos no centro e nos perguntamos até onde queremos estender nossa solidariedade, a parábola nos diz que, no centro, não existe “eu”, mas “aquele que precisa de mim”. O homem ferido não é aquele pelo qual eu devo decidir se vou considerá-lo ou não como “meu próximo”: ele é aquele pelo qual sou convidada a me tornar próxima, sou convidada a tornar-me o seu próximo. Jesus nos diz para colocar as vítimas no centro, para viver a misericórdia e a solidariedade que caminham juntos. A intervenção do Samaritano mudou a situação da vítima. De fato, o Samaritano está viajando e, na estrada, encontrou um homem que tinha sido espancado, despojado de tudo e deixado meio morto. Portanto, a situação deste homem no início da parábola é de

quase morto. A ação do Samaritano vai mudar a situação e, no final da parábola, ele está em uma pousada, ele foi cuidado e está em processo de cura, de transformação. Da situação de ferido, de alguém que foi deixado meio morto, desprovido de tudo, ele passa a ser tratado com respeito e colocado em uma situação que lhe permite restabelecer a saúde e sobretudo sua dignidade, que é ainda mais importante.

## **OBSERVEMOS AS AÇÕES REALIZADAS PELOS SAMARITANOS**

### **A situação**

O Samaritano está viajando. Ora estar em viagem é algo muito significativo: indica estar em movimento, estar preparado para as novidades, ir ao encontro do desconhecido. Ele chegou diante de um homem que foi espancado, roubado e deixado para morrer. Portanto, é um homem que realmente está precisando de ajuda, que não pode fazer nada porque está desprovido de tudo e principalmente de sua dignidade humana. Não é difícil relacionar esta história com os migrantes.

### **“Ele o viu”**

A primeira coisa que o Samaritano faz é ver o homem. Outros passaram por ele antes: o levita, o sacerdote. Eles o viram, mas continuaram o seu caminho, portanto, eles não o viram realmente.

O que significa “ele o viu”? Significa que ele enxerga a realidade tal como ela se apresenta e, logo se deixa envolver por esta realidade. Primeiro nós olhamos e somente depois enxergamos, porque podemos olhar e não ver. Quando enxergamos, deixamo-nos envolver pela realidade que contemplamos. E, porque o Samaritano se deixou envolver por esta realidade, ele “sentiu compaixão”. Quando nós nos compadecemos, quando temos fortes sentimentos, podemos agir. É o que significa a compaixão, ou seja, ter “paixão com”, mas também “sofrer com”. É este sentimento que nos impulsiona a agir. Contudo, se não sentirmos fortemente a raiva, a indignação, a dor, nós não agiremos. Os sentimentos são os motores que nos fazem agir.

### **A decisão do Samaritano: “ele se aproximou”**

O Samaritano toma uma decisão. Ainda estando um pouco distante, ele vê o homem e decide aproximar-se dele. Aproximar-se significa “fazer-se próximo”. Fazer-se próximo para realmente ver a situação, para compreender o que está acontecendo, qual é a situação deste homem ferido e, portanto, compreender a realidade. Pois, se não compreendemos a realidade, não podemos agir, ou agimos com resultados negativos e, às vezes, até mesmo contrários ao que realmente deveria ser feito.

Por isso, o fato de analisar e de compreender, não somente com a cabeça, com nossa inteligência, mas também com o coração, os sentimentos, as entranhas, com todo o nosso ser, nos dão a possibilidade de agir. Foi o que o Samaritano fez.

### **“Atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho”.**

Uma vez compreendida a situação deste homem que está meio morto e que nada pode fazer o Samaritano ata-lhe as feridas e deita nelas azeite e vinho. Isto significa dizer que ele compartilha o que possui: primeiro a roupa para atar as feridas, pois, certamente ele não tinha gaze em sua bolsa, depois, o óleo e o vinho de sua alimentação para cuidar do homem. Então, se ele teve que cuidar de todo o corpo deste homem machucado, foi-lhe preciso uma grande quantidade.

### **“Colocou-o em sua própria montaria”.**

Colocar alguém em sua própria montaria, significa que, agora, o Samaritano deve caminhar e conduzir o animal a pé. Então quem é “o senhor”? O senhor é aquele que está em cima do cavalo. Logo, é um gesto muito simbólico: ele age como um servo diante do homem ferido.

Assim, o Samaritano se faz próximo deste homem ferido, cuida dele e, além do mais, faz-se servo.

### **“Levou-o a uma hospedaria”**

O Samaritano decidiu levar o homem ferido a uma hospedaria. Uma hospedaria é um local seguro, portanto, o Samaritano decide colocá-lo em segurança.

### **Lá, “ele cuidou dele”**

Cuidar dele significa dizer que o Samaritano deu seu tempo e sua atenção. Após ter dado o que possuía e tê-lo conduzido a um lugar seguro, o Samaritano, dedicou-lhe o seu tempo, ele dá o que ele é. Realmente, trata-se de um dom total do Samaritano para com o homem ferido e que está precisando de ajuda.

### **“No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro.”**

Após ter dado tudo o que possuía e o que ele era, no dia seguinte, ele deu dinheiro ao hospedeiro dizendo-lhe: *“cuide dele e, quanto gastares a mais, na volta te pagarei”*. Portanto, o Samaritano não somente doa a si mesmo e o que possui, como também empenha sua palavra ao afirmar que vai pagar as despesas e fazer tudo o que for necessário para este homem ferido. Além disto, ele implica o hospedeiro a entrar nesta mesma dinâmica de solidariedade. O Samaritano amplia a solidariedade do hospedeiro, dando-lhe a responsabilidade de cuidar do homem ferido. Sem o Samaritano, o hospedeiro não teria cuidado deste homem ferido, e agora, ele vai cuidar do homem até que ele seja capaz de partir. O Samaritano “compreende” a situação da vítima e assume sua responsabilidade até que o homem esteja completamente curado.

O Samaritano é Jesus. É ele que cuida do homem ferido, que o carrega e o conduz até o hospedeiro que entrará neste movimento de solidariedade que está vivendo.

## **O SAMARITANO “VÊ” O HOMEM NECESSITADO**

Se o Samaritano foi capaz de agir desta maneira, foi porque ele viu o homem necessitado, enquanto o levita e o sacerdote olharam para ele e desviaram-se para evitar a impureza da morte. Pois se o sacerdote tocasse em um morto, ele não poderia participar dos ofícios, deveria purificar-se antes, ou seja, tomar banho, etc. Logo, a regra, mesmo em se tratando de uma regra religiosa, impediu-o de ver o ser humano que precisa de ajuda. Portanto, podem existir normas religiosas ou atitudes que nos impedem, de uma certa maneira, de viver o Evangelho e ser solidário, de viver a solidariedade.

Hoje, as regras da sociedade ou da religião podem fazer-nos ver o sofrimento dos outros como “normal”, o que significa dizer “não enxergar” ou “que é normal”. Fala-se de migrantes, porém, nós não os enxergamos como pessoas que têm sentimentos e que sofrem. A sociedade pode levar-nos a acreditar que não cabe a nós sermos próximos aos seus sofrimentos, que não cabe a nós acolher estes migrantes.

Somente o Samaritano enxerga realmente o homem ferido e dele se aproxima. Nós também podemos fazer escolhas e temos apenas duas possibilidades em relação a todos os pobres: ou passamos “ao lado”, ignorando-os, o que significa estar “contra eles”, ou estamos “com eles”.

A decisão que tomarmos tem um impacto sobre as outras pessoas e, sobretudo sobre nós mesmas, sobre a nossa própria dignidade. Será que vamos agir como seres humanos ou como seres egoístas?

Quando Jesus foi flagelado e que faziam desdém dele, Pilatos disse: “eis aqui o homem”. Aqui está o homem, o homem ferido, o homem que encontramos. Se eu me coloco ao seu lado, eu lhe dou minha própria dignidade, como membro da família humana.

## **O SAMARITANO ACEITA SUJAR-SE**

O Samaritano aceita sujar-se, aceita não ser considerado como alguém do bem. A norma, não é o que os outros pensam, a norma é fazer como Jesus fez, é a isto que Jesus nos chama. A solidariedade é a decisão de contribuir na mudança da situação, o que implica o risco de compartilhar o destino do outro. Aproximar-se pode complicar a vida, pois colocar-se ao lado dos marginalizados, dos últimos, pode implicar riscos, dificuldades e nos tornar impuros aos olhos do Estado, da Igreja e da sociedade.

Atualmente, dar hospitalidade aos migrantes pode ser visto como um ato criminal. Sejamos vigilantes: “lícito” nem sempre quer dizer “bom”!

Cabe a nós escolher entre “manter nossa distância” e “fazer-nos próximos”, entre “sermos cegas” e “enxergarmos” a realidade como ela se apresenta.

No entanto, se o fato de nos aproximarmos dos migrantes pode complicar nossa vida, isto também pode dar a alegria da partilha, da solidariedade, contribuir no restabelecimento da dignidade das pessoas e sobretudo fazer como Jesus fez.

À medida que colocamos a pessoa que está com necessidades no centro da nossa vida, tornamo-nos cada vez mais humanos, tornamo-nos cada vez mais o Cristo, que não está centrado em si mesmo, mas no Pai e nos outros.

O homem ferido está impotente, ele não pode falar e nem fazer nada; sua atitude de impotência nos convida a nos tornarmos próximos, ou seja, a nos tornarmos o seu próximo.

*“O próximo, no Evangelho, não é aquele que escolhemos, mas aquele que chega até nós e do qual nos tornamos próximos”* disse Dom Rault, Bispo de Laghouat. O próximo é aquele que está precisando e do qual devemos nos tornar próximos.

**Hoje em dia, como cristãos, somos chamados a deixar-nos interrogar pela experiência do Bom Samaritano: ver e agir a seu exemplo.**

Ora, o Bom Samaritano, é o Cristo. Cristo é o nosso modelo, nosso guia, e nos chama a ultrapassar todas as fronteiras, a abrir-nos a quem é diferente, a olhar com novos olhos para os migrantes, os estrangeiros, os pobres, os que são vulneráveis, a olhá-los como irmãos e irmãs. O Cristo nos chama a conhecer melhor suas realidades, a ver a pessoa que existe por detrás do migrante ou refugiado, a compreender as dificuldades do seu percurso, os sofrimentos pelos quais passaram, os maus-tratos

sofridos durante seu percurso e, às vezes, as feridas são tão grandes que se tornam feridas psicológicas, seu psiquismo é ferido e tudo se torna difícil.

Trata-se de ver esta realidade da migração, de conhecer suas causas, mas também nossa responsabilidade como cidadão de um país. Temos algo a dizer para o nosso próprio país, para os nossos governantes e defender a causa junto aos representantes políticos. Devemos também conhecer as falsas crenças, e assim, poder mudar nosso olhar e ajudar os outros a enxergar como o Cristo.

## **O SAMARITANO AGE COMO DEUS NA BÍBLIA**

O que lemos na Bíblia?

**“Adão, onde estás?”** (Gn 3, 9)

Deus passeava no jardim do Éden, à hora da brisa da tarde e disse: “Adão, onde estás?” Deus quer que o homem e a mulher aproveitem desta natureza, deste dom de Sua presença entre eles, porém, eles se esconderam. A primeira pergunta que Deus faz ao homem após ter pecado é: “onde estás?”. Hoje, Deus nos pergunta: “*onde estás?*” Onde você estava quando os migrantes foram rejeitados? Você não fez nada, não disse nada.

No relato da Paixão de Jesus do Evangelho de São Lucas, está escrito: “*e o povo ficava lá observando*”. Somos apenas observadoras? A harmonia humana se rompe na relação, o outro não é mais um irmão ou uma irmã para amar, mas aquele que incomoda a minha vida, meu bem-estar, meus costumes e a quem eu me fecho.

**“Caim, “onde está o teu irmão?”** (Gn 4, 9)

Deus faz uma outra pergunta: *Caim, “onde está o teu irmão?”* A segunda pergunta que Deus faz é: “*onde está o teu irmão? (...) Eis que a voz do sangue do teu irmão clama por mim deste a terra*”.

**“Eu vi a aflição do meu povo..”** (Êxodo 3, 7).

O sofrimento dos homens sobe até Deus “*eu vi a aflição de meu povo que está no Egito, e ouvi os seus clamores por causa de seus opressores. Sim, eu conheço seus sofrimentos*”. Deus vê a realidade dos Israelitas e compreende que eles são escravos. Deus decide agir para libertá-los e envia Moisés: “*vai eu te envio ao faraó para tirar do Egito os israelitas, meu povo*” (Êxodo 3, 10).

Hoje, Moisés é cada um de nós. Deus nos envia aos migrantes para dar-lhes um pouco de esperança, para dizer-lhes que precisamos deles para ser verdadeiramente humanos. Para nos tornarmos humanos, precisamos dos nossos irmãos e nossas irmãs que esperam nosso acolhimento e que nos incomodam em nosso bem-estar e abundância.

Jesus nos convida a cuidar de qualquer pessoa que está passando por necessidades, para fazer dela um irmão, uma irmã em comum humanidade, como Ele mesmo o fez.

**“Deixa tua terra”** (Gn 12, 1)

“O Senhor disse a Abrão: “*Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar*”. O próprio Deus está nos tornando migrantes. Ele nos faz migrantes quando nos convida a ir de

um país a outro como missionários, etc. *“Meu pai era um arameu prestes a morrer, que desceu ao Egito”* (Dt 26, 5). Portanto, o povo judeu originário de uma migração, é um povo migrante. O acontecimento central da Bíblia é o êxodo: é uma migração do país do Egito para o país de Israel. No entanto, é uma migração no sentido amplo e poderoso, é uma mudança, uma libertação. Depois, existiu o exílio na Babilônia, uma outra migração.

*“Era estrangeiro e me acolhestes”* (Mt 25, 35).

Em outras palavras, esta relação com o estrangeiro em toda a história do povo hebreu, desde Abraão até Jesus que, também foi um migrante. Isto se traduz na lei, por:

- *“Não oprimireis o estrangeiro”* (Ex 23, 9)

- *“pois, conheceis o que sente o estrangeiro, vós que fostes estrangeiro no Egito”* (Ex 23, 9).

- *“se um estrangeiro vier habitar convosco.. o amareis como a vós mesmo, porque fostes já estrangeiros no Egito”* (Lev 19, 33-34).

- *“Tive fome e me destes de comer; prisioneiro e me visitastes, era estrangeiro e me acolhestes”*.

O capítulo 25 de Mateus é um texto muito forte: trata-se do acolhimento do estrangeiro que decidirá se estamos ou não do lado de Cristo.

Para nós, cristãos, a situação dos migrantes não é primeiramente um princípio ético ou jurídico, mas, sim, uma exigência teológica que vem de Deus. Amar o estrangeiro está relacionado com uma experiência que hoje diríamos, espiritual: um convite para descobrir a nossa própria condição de estrangeiros, uma teologia onde descobriremos nossa realidade, nossa condição de estrangeiros. O povo eleito foi constituído por um gesto de Deus: a libertação do Egito para Israel. A libertação do Egito, que se traduz por um movimento, uma migração da terra da escravidão para a terra prometida. Quando acolhemos os migrantes, nós nos libertamos porque colocamos o outro no centro, nós nos tornamos mais humanos, isto é a libertação. Devemos tornar-nos os homens ou as mulheres que Deus quer que sejamos.

## **O PRÓPRIO JESUS FOI UM REFUGIADO**

A tradição nos diz que eles fugiram para o Egito. Mais tarde, durante a sua vida pública, Jesus viveu itinerante, dirigiu-se às regiões próximas. Jesus acolhe o centurião romano, cura a cananeia, fala positivamente dos Samaritanos com os quais estabelece relações e não hesita em colocá-los, assim como as prostitutas, antes dos judeus que realizam a lei. *“Os samaritanos e as prostitutas vos precederão no Reino”*. A mulher Samaritana será a primeira a anunciar: *“eu vi o Messias, encontrei o Messias, vinde ver”*.

Jesus também saiu de sua terra para ir às regiões não judias, muito embora existam pequenas comunidades judias. Por exemplo, Jesus vai para Canaã, para Sidon; lá, ele encontra a cananeia que vai ousar lançar-lhe um desafio. Ela abrirá os olhos de Jesus; graças a ela, Jesus vai fazer esta passagem que não é óbvia: passar da salvação de um povo para a salvação de todos. Pensando ser enviado ao povo de Israel, Jesus se conscientiza de que veio para todos, ele abre as dimensões de sua missão e cura a filha da cananeia.

## **O migrante é o corpo de Cristo ferido.**

As injustices feitas aos migrantes ferem a humanidade e o Corpo de Cristo. O Corpo de Cristo, não é simplesmente os cristãos; os teólogos dizem que o Corpo de Cristo é a humanidade com toda a criação.

A questão da migração nos faz refletir sobre o que é o ser humano. A questão do estrangeiro nos leva a rever qual é a nossa visão de ser humano e de diferença. Esta abertura ao outro que é diferente, ao

outro que me enriquece, é uma nova maneira de olhar a diferença, A presença do outro, diferente de mim é que me faz ser o que sou hoje. É o outro que nos ajuda a ver nossa realidade, mesmo que isto nos machuque ou nos cause dor. Os diferentes migrantes nos ajudam a nos tornarmos mais humanos.

Na era da globalização, será que nós seremos eternos viajantes? Pois, somos chamados a ser: eternos peregrinos sempre em busca do novo. Os migrantes nos ajudam nesta diferença; portanto, estamos no caminho em direção a esta plenitude do ser humano, da felicidade compartilhada.

A presença do estrangeiro é uma oportunidade para viver esta alteridade. Os migrantes são homens e mulheres desenraizados de suas terras, de sua cultura, do seu mundo, são pessoas que sofreram e que possuem uma ferida profunda como todo mundo e, no entanto, são percebidos como uma ameaça.

### **“Estou à porta e bato”**

Esta frase do Apocalipse é um convite para acolher os migrantes. Jesus está à porta. Hoje, a figura de Jesus é o migrante. Ele bate na minha porta para que eu mude a direção da minha vida, a direção do caminho tomado. Será que vou acolhê-lo e deixar-me tocar por Ele, pelo seu chamado? Será que eu ajudo o migrante a carregar sua cruz? Cada migrante próximo de mim é Jesus que bate a minha porta.

Atualmente, os migrantes são uma ocasião para contribuir na construção de uma sociedade mais justa, de um mundo mais fraterno, de uma Comunidade cristã mais aberta. Os migrantes batem à nossa porta, eles nos desafiam a abrir a nossa porta, a cearmos juntos, a descobrir a alegria do conhecimento mútuo, do enriquecimento mutuo.

A teologia do encontro é o encontro com o outro: “Deus que está em mim” encontra-se com o Deus que está em ti”. Existe um belo ícone da Virgem Maria que carrega o Menino Jesus; as mãos do Menino Jesus terminam nas mãos de Maria. A Virgem Maria que representa a Igreja, representa, portanto, cada cristão. Maria carregando Jesus, representa cada cristão que possui Deus dentro de si. Hoje, as mãos de Deus são minhas mãos. Deus tem apenas as minhas mãos para agir no mundo. O Pai me envia para acolher o outro, para acolher Deus no outro. Um verdadeiro encontro humano tem algo que vai além da realidade. Este Cristo que está em nós encontra Deus que está no outro.

Jesus nos diz também: “ide ao encontro daqueles que são vulneráveis, que estão necessitados, nas fronteiras”. Os migrantes precisam de nós, hoje. Vivamos concretamente esta abertura do coração.

Irmã Begonã IÑARRA  
*Irmã Missionária de Nossa Senhora da África*

### **OBRAS DE MISERICÓRDIA**

#### **Província de Santa Luísa - E.U.A.**

#### **A misericórdia nunca é forçada**

***“Uma vida de qualidade... é viver com graça e inteligência, com coragem e misericórdia”***  
(Théodore White, historiador americano)

**JOANA**

Joana é uma indígena de Tarahumaras, tribo indígena que vive nas montanhas do norte do México no Estado de Chihuahua próximo da fronteira com os Estados Unidos. É uma das tribos indígenas mais importantes da América do Norte. Este povo de agricultores é particularmente resistente, ele pratica o seminomadismo, vivendo no alto planalto no verão e nos desfiladeiros durante o inverno.

Joana tem três netos, uma menina e dois meninos. Um dia, ela foi à periferia da pequena cidade de Palomas para visitar Teresa que acabara de sair da prisão. Teresa tinha sido presa porque não pagara uma dívida hospitalar. Antes de se mudar, Teresa vivera no mesmo bairro que Joana; ambas eram amigas.

Joana percorreu uma estrada de barro que levava à casa de Teresa. Ela levou-lhe arroz e feijão que recebeu durante a distribuição de alimentos, e pensou propor à Teresa para trabalhar com ela, na fábrica de caixas de papelão, ainda que fosse por um salário de miséria.

Quando se aproximava da residência de Teresa, Joana viu que a casa estava pegando fogo e ouviu os gritos das crianças que estavam dentro da casa. Os vizinhos estavam paralisados, petrificados diante das chamas cada vez maiores, a fumaça estava tão densa que mal dava para enxergar... Joana imediatamente cobriu a cabeça com um tecido molhado e entrou no meio do fogo para buscar as crianças. Ela agarrou o primeiro, colocou-o deitado no chão, fora da casa, depois precipitou-se novamente para procurar o segundo que estava gritando: *“Dona Joana, venha buscar-me!”*.

Ao mesmo tempo, as pessoas do lado de fora gritavam: *“não volte, o telhado está desmoronando. Não vá! A senhora vai morrer, não vá!”*. Porém, o calor e a fumaça eram tão intensas que dificultavam muito a respiração de dona Joana, que não pode mais avançar... O menino morreu queimado. Naquele momento, Teresa que tinha sido avisada, chegou correndo e viu o desastre.

Com a chegada do socorro, as duas avós são colocadas na ambulância, com a criança que foi salva: ele precisava de sangue. Não tendo dinheiro suficiente para comprar as três unidades de sangue necessárias para a criança, as duas mulheres ficaram desesperadas.

#### MAS, QUEM É JOANA?

Mãe de três meninas, Joana mendigava sempre com as crianças na porta da Catedral da cidade El Paso, cidade americana de 750.000 habitantes, situada no Estado do Texas, às margens do Rio Grande, rio e fronteira; do outro lado do rio encontra-se a cidade gêmea: Cidade de Juarez no México.

Foi em El Paso que as Filhas da Caridade encontraram Joana pela primeira vez e puderam ajudá-la. Ela atravessava facilmente a fronteira e os amigos lhe davam um pouco de dinheiro pelos serviços que ela lhes prestava. No entanto, com o passar dos anos, tornou-se cada vez mais difícil, atravessar a fronteira; seus amigos de El Paso deixaram de ajudá-la financeiramente e suas filhas cresceram no aterro da Cidade de Juarez.

Progressivamente, a Cidade Juarez desceu ao inferno das drogas e da violência, estupros, assassinatos e raptos de jovens. A guerra entre os cartéis de drogas fez nascer a angústia e o terror. O cartel, comandado pelo narcotraficante mais procurado do México, viola os direitos humanos e realiza massacres de violência indiscriminável. Todos os dias acontecem tiroteios; os acertos de contas acontecem em pleno dia, no centro da cidade, para impressionar a população. É uma angústia permanente.

Na Cidade Juarez, Joana luta para criar seus netos, ela se tornou um alvo para os membros do Cartel, eles quiseram obrigá-la a transportar drogas para a cidade. Devido às represálias e as ameaças de morte, as Filhas da Caridade não puderam permanecer neste bairro, porém, Irmã Isabel manteve contato com Joana. Irmã Isabel construiu uma casa para acolher Joana e seus netos.

De tanto buscar alimentos no lixão da cidade e de comer alimentos estragados, Joana e seus netos desenvolveram a tuberculose e, por falta de condições financeiras, não foram devidamente cuidados. Irmã Isabel atravessa a fronteira toda a semana para encontrar-se com Joana, dar apoio a sua família e os medicamentos necessários. As Irmãs conseguiram encontrar um emprego permanente para Joana; agora tanto a sua filha como os seus netos podem ir à escola. O desejo profundo de sua filha era obter um diploma de estudos secundários, para cuidar dos seus sobrinhos e dar um pouco de paz à Joana em sua velhice.

### **BUBBA**

Nos Estado do Texas (E.U.A), Ray Tullius e sua esposa criaram o Centro de oportunidades que oferece um refúgio aos desabrigados da cidade de El Paso. Com apenas 15 dólares e um velho armazém vazio, onde ocorriam redemoinhos de vento, eles conseguiram organizar um alojamento novo com mais de 350 lugares disponíveis para homens, mulheres e crianças dormirem com segurança. Todas as noites, após uma refeição quente e antes de apagar as luzes, podemos ver mais de 150 homens desenrolarem suas esteiras, tirar os sapatos e colocá-los sob a cabeça, para terem certeza de encontrá-los no dia seguinte.

No Centro, a metade dos empregados são pessoas desabrigadas: “cada um deve dar sua retribuição, qualquer que seja a maneira como o faça”. Porém, o Centro ainda não é suficientemente equipado para enfrentar todas as misérias que se apresentam todos os dias, especialmente as dezenas de jovens menores de idade rejeitados pelos seus e devastados pelas drogas.

Um dia, Bubba, de 15 anos, que tinha passado a noite na rua, ouviu o convite para vir ao Centro de oportunidades. Sua situação era muito complicada e ele buscava se distanciar de sua família. Há 18 anos, Bubba volta regularmente ao Centro, incapaz de encontrar um pouco de estabilidade e, sobretudo de conservar um emprego, ele continua dependente de uma das drogas mais baratas e mais perigosas para a saúde.

Bubba considera como sua mãe a dona Dorothy, diretora atual do serviço social do Centro de oportunidades, uma mulher branca de cabelos grisalhos. Dorothy o encontrou pela primeira vez quando era responsável pela sessão de acolhimento para jovens menores.

Sendo a filha mais velha de uma família de doze crianças, Dorothy se comprometeu desde muito jovem com um grupo de voluntários, para ajudar as crianças do lixão da Cidade Juarez (México).

Dorothy tinha o costume de passar seus finais de semanas com as crianças do lixão; ela ficava com elas e dava-lhes comida, enquanto suas mães vasculhavam o lixo em busca de objetos que pudessem ser vendidos. As condições de vida são tão horríveis e a violência tão dura que as mulheres caem facilmente no alcoolismo e perdem a cabeça.

Um dia, uma delas vendeu a filha mais velha e, após ter ficado novamente grávida, matou a própria mãe. Depois que a mulher foi internada em um hospital, Marta, a filha mais velha de 15 anos, pediu ajuda à Dorothy para encontrar uma família que pudesse acolhê-la com seus dois outros irmãos, uma

menina e um menino. Foi quando Dorothy resolveu adotar estas três crianças e com a ajuda dos pais, ela os levou para El Paso.

## **CRISTINA**

Em El Paso, o Abrigo Reynolds acolhe mulheres e crianças que estão desabrigadas. A história de Cristina é trágica, jamais teve um lar ou um lugar para morar, com exceção da casa dos seus tios que a expulsaram depois que ela ficou grávida aos 15 anos e agrediu a namorada do pai do seu filho. Retiram-lhe a criança. Cristina ficou novamente grávida e deu à luz a uma menina, Daisy.

Sendo incapaz de assumir as responsabilidades maternas, foi colocada em liberdade condicional e deveria escolher entre um Abrigo e a prisão. Foi assim que ela chegou ao nosso Abrigo com Daisy que tinha dois anos. Porém, foi muito difícil para Cristina viver com outras pessoas e respeitá-las, aceitar as mínimas regras da vida comum. Logo, ela fugiu. Ela voltou ao Abrigo em várias ocasiões e, todas as vezes, com uma duração um pouco mais longa que a anterior, aceitando um emprego temporário em uma fábrica, depois em outra e outra. Cristina amadureceu um pouco, fez amizades entre as outras abrigadas; hoje, ela não se mostra mais tão desagradável. Progressivamente, ela aceitou prestar serviços comunitários. Seu pequeno salário permitiu-lhe pagar suas dívidas com a justiça e reduzir seu tempo de liberdade condicional. Porém, ela ficou novamente desempregada por quatro semanas.

A responsável pelo Abrigo temia sua fuga e esperava o pior, quando Cristina chegou em seu escritório para anunciar-lhe a sua partida definitiva, pois iria morar em um novo abrigo e conseguir um novo emprego. De fato, seu tio, tornou-se cristão e nesse mesmo período, seu irmão e um amigo decidiram ajudá-la a encontrar um alojamento e um emprego. Cristina compartilhou conosco suas aspirações para o futuro.

Irmã Emile MORGAN  
*Filha da Caridade*

## **OBRAS DE MISERICÓRDIA**

### **Província da Eslováquia Sair do círculo vicioso**

Desde o ano de 2009, vivemos numa cidade de 2.200 habitantes do norte da Eslováquia. As três Irmãs de Comunidade estão comprometidas com a paróquia. Acompanhamos pessoas idosas e doentes, o que supõe muita escuta e apoio espiritual. Asseguramos também a educação e a evangelização das crianças e jovens ao longo dos encontros paroquiais regulares e, conseqüentemente, a formação de jovens animadores para cuidar das crianças e, dar início à Família Vicentina através da: JMV, AIC e a Associação da Medalha Milagrosa. A colaboração com estes leigos torna nosso serviço mais eficaz.

Ao acompanhar as crianças, descobrimos novas formas de pobreza, desconhecidas até o presente. De uma parte, as separações familiares causadas, às vezes, simplesmente pela busca de trabalho em lugar distante, ou no estrangeiro; por outro lado, os meios de comunicação provocam um baixo nível de moralidade, uma aridez religiosa e uma mudança de valores.

Sobre o nosso serviço que é muito variado, gostaríamos de compartilhar uma experiência que nos estimula a agir ainda mais como Filhas da Caridade. Um dia, Kristian e Nicolas, duas crianças de 5 e 10 anos,

vieram para participar do clube paroquial. O comportamento deles era excessivo e nós nos perguntávamos se eles não tinham um grave problema de saúde. Ao falar com eles, descobrimos que sua mãe, dona Marketa, tem quatro filhos de pais diferentes. Morando em um apartamento, a mãe muda com frequência de companheiro e não quer mudar sua maneira de viver. As crianças são distraídas, fisicamente instáveis, muito agressivas. A dona Marketa comprava tudo o que eles desejavam e deixava-os fazer o que queriam. Kristian nos contou que, quando ele era pequeno, fora testemunha de um crime que o seu pai cometeu e que, atualmente está cumprindo pena. Na escola, seu comportamento é completamente desregrado, ele teve baixo desempenho e, conseqüentemente repetiu de ano. Em casa, ele não hesita em ameaçar matar sua mãe e seus companheiros.

No entanto, no clube paroquial, Kristian se sentia aceito e bem acolhido. Sua integração com a equipe foi muito rápida, participando espontaneamente de todas as atividades propostas. Ele fez muitas amizades que começaram a ajudá-lo a obter melhores resultados na escola. Graças a nossa ajuda e estímulo, ele se preparou para a primeira comunhão. Foi uma bela festa para todos.

Contudo, a situação familiar não melhorou e isto o influenciava muito negativamente. A direção da escola propôs interná-lo numa Instituição de correção. Sua mãe entrou em contacto conosco pedindo ajuda para evitar que o menino fosse enviado à referida Instituição, pois tinha medo que o seu comportamento piorasse. Graças à nossa colaboração com os psicólogos, médicos e assistentes sociais, conseguimos encontrar, em um estabelecimento de boa reputação, uma vaga tanto para Kristian como para Nicolas, seu irmão mais novo que apresentava problemas idênticos. Este estabelecimento dedica-se à terapia de crianças que têm problemas semelhantes ao do nosso caso. Nesta instituição o comportamento das crianças realmente melhorou muito, graças aos bons métodos educativos. Eles obtiveram os melhores resultados no processo de aprendizagem de todas as matérias e uma boa integração com todos. Infelizmente, cada vez que as crianças voltavam para casa, para passar alguns dias ou de férias, o comportamento de ambos retrocedia, principalmente o de Kristian, o mais velho, que tinha reações muito agressivas.

Não sabemos qual será o futuro destes dois meninos, mas nos sentimos convidadas a perseverar e a confiar em Deus que nos utiliza como instrumentos, de acordo com as nossas possibilidades, para ajudar estes meninos desorientados, pois eles confiam em nós e, nós não queremos decepcioná-los. Esta experiência confirma nossa presença junto àqueles que sofrem, como um farol nos momentos em que eles se sentem sozinhos e perdidos. Somos gratas a Deus, pelo fato de ter conseguido ganhar a confiança dos meninos, pois cremos que através de nós, eles buscam o Senhor. Todos os dias, rezamos pedindo a Deus que nos mostre o que fazer para que eles possam descobrir o valor, a beleza e a riqueza de suas vidas.

Comunidade de Lokca

#### **OBRAS DE MISERICÓRDIA**

#### **Província dos Camarões**

*“Todas as vezes que fizestes isto  
a um destes pequeninos,  
foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25,40)*

*“Falar de misericórdia pode ser fácil; mais difícil é tornar-se suas testemunhas na vida concreta. Trata-se de um percurso que dura toda a vida e não deveria registrar interrupções. Jesus disse-nos que devemos ser “misericordiosos como o Pai” (Papa Francisco, 2 de abril de 2016).*

É o mesmo amor que nos leva a visitar com audácia as pessoas abandonadas, sozinhas ou os prisioneiros e todos os que sofrem.

### **A COMUNIDADE DE MOUTOURWA**

Entre os serviços oferecidos pelo Centro de Saúde Santa Tereza do Menino Jesus de Moutourwa, existem as técnicas avançadas de tratamento das unidades móveis que vão às cidades. Durante estas visitas, os agentes de saúde fazem uma animação com formação sanitária, vacinas e visita aos doentes acamados apresentados pela animadora local, o responsável pelo vínculo entre o Centro de Saúde e a população. Foi desta maneira que conhecemos Moisés, um jovem de 25 anos, acamado há três meses em função de uma paralisia dos membros inferiores. A família tinha tentado cuidar dele segundo a tradição indígena, mas sem sucesso. Não tendo recursos financeiros necessários para levá-lo até um centro de saúde, a família cuidou dele em casa. Moisés tinha muitas escaras, de suas feridas inalavam um odor que afastavam a todos os que dele aproximavam. Sua família estava desesperada.

Após uma reflexão comunitária, decidimos internar Moisés em nosso Centro de Saúde. Há três meses ele recebe cuidados médicos, tem uma alimentação equilibrada e acompanhamento psicológico. Em breve, ele poderá fazer um transplante de pele, em seguida serão feitas pesquisas para identificar as causas de sua paralisia e talvez remediá-las. Moisés voltou ao seu peso normal, recuperou sua dignidade, sua alegria e sobretudo a esperança de viver. Tanto ele como sua família não se cansam de nos expressar sua gratidão. A alegria de Moisés também é a nossa, e juntos damos graças a Deus.

### **COMUNIDADE DA CASA PROVINCIAL - YAOUNDÉ**

As Irmãs da Comunidade da Casa Provincial visitam as famílias pobres ou doentes, toda semana. Com frequência as pessoas do bairro indicam as pessoas solitárias e extremamente pobres que precisam de ajuda. Duas das Irmãs Idosas percorrem as ruas do bairro para encontrar as pessoas que não podem mais ir à Igreja, mas que desejam receber a Comunhão. *“Dou graças ao Senhor que ainda me permite ir ao encontro dos pobres em suas casas. São Vicente tinha razão em dizer que os pobres nos evangelizam através da sua maneira de receber a Comunhão, de suportar as dificuldades sem reclamar, de confiar na Divina Providência, de agradecer pela mínima visita. Para cada um, deve-se encontrar a palavra que lhe é conveniente e, sobretudo, que a pessoa sinta que o visitamos com alegria. Cada visita é um presente de Deus para mim, e o Senhor passa também através de nós para derramar sobre eles as suas bênçãos”*. Em Yaoundé, na Paróquia Santo Agostinho de Nnom-Nnam, dona Filomena, catequista, perguntou às Filhas da Caridade se elas poderiam preparar Ester, uma mãe de família que desejava receber o Batismo. Havia pouco tempo que Ester tinha chegado ao bairro e não conhecia a paróquia. Dona Ester desejou ser batizada na Páscoa. Começamos as sessões de formação quando sua filha, Berta, disse-me: *“Mamãe é batizada, ela recebeu o Batismo quando esteve na França para ser operada. No entanto, faz quatro anos que mamãe não mais pratica e não sabe onde deixou a certidão de batismo”*. Após várias investigações, descobrimos que Ester tinha sido batizada na Igreja Ortodoxa. Ela ficou surpresa e até mesmo chateada. Ao mesmo tempo, uma outra mamãe chegou com seu bebê moribundo e pediu que ele fosse batizado. Então os dois foram batizados ao mesmo tempo para a sua grande alegria.

## A COMUNIDADE DE NSIMALEN

A Comunidade de Nsimalén está situada a 30 quilômetros de Yaoundé, próximo do aeroporto de Yaoundé. Em 2002, durante uma visita às aldeias existentes na floresta equatorial com o objetivo de oferecer uma educação sanitária e preventiva às mulheres e crianças desta localidade, as Irmãs encontraram um homem bastante idoso, chamado Bolingo, sentado no chão, em baixo de um mamoeiro, sozinho, doente, abandonado e incapaz de movimentar-se, completamente desnutrido. As Irmãs imediatamente se responsabilizaram por ele e o levaram à Casa de Saúde, próximo ao dispensário, para oferecer-lhe os cuidados de que precisava. Constatando que ele não tinha família, as Irmãs organizaram ao lado da Comunidade um local para acolhê-lo. Pouco tempo depois, outras pessoas idosas muito pobres se apresentaram à Comunidade e as Irmãs reconheceram nisto, um chamado do Senhor. De acordo com o Conselho Provincial, a Comunidade decidiu abrir um Abrigo para acolher pessoas idosas vulneráveis e com doenças crônicas, sobretudo os doentes de AIDs.

Atualmente, o Abrigo “Santa Luísa” acolhe 22 pessoas idosas doentes, sem filhos e rejeitados pelos familiares, oferece-lhes um clima de amor e de serenidade. Também chegam ao abrigo jovens mulheres que vêm refugiar-se para escapar de todo tipo de maus-tratos.

Foi assim que acolhemos **Anastásia**, 30 anos, que fugiu de sua casa, grávida e quase no final da gestação. Ela apresentava um estado depressivo e ficamos aguardando a sua melhora para que ela pudesse vislumbrar sua volta para casa.

**Daniela**, 24 anos, órfã, aluna do colégio, teve um filho com seu professor, depois, o pai ficou com a guarda do filho. Desesperada, Daniela entrou numa seita e saiu dela alguns dias depois em estado de loucura. Foram algumas religiosas que a encontraram completamente esgotada na rua e no-la confiaram.

**Maria Paula** (nome que lhe foi dado quando ela chegou ao abrigo), 25 anos, orfã, estuprada pelo tio, teve uma criança que logo morreu; esta experiência desencadeou nela um estado de loucura que a fez fugir da sociedade. Foram as religiosas, mais uma vez, que a descobriram em um estado lamentável e trouxeram-na até nós.

**Verônica** de aproximadamente 45 anos. Ao ir à feira de Mokolo (bairro popular de Yaoundé) fazer compras para o Abrigo Santa Luísa, uma Irmã percebeu na calçada, uma mulher deitada no chão. As pessoas passavam por ela, desviando-se um pouco, com cuidado para não pisar nela. Após ter estacionado o carro, ela se aproximou da mulher que parecia ter cerca de sessenta anos. Ao tentar levantá-la, a Irmã constatou que o pé esquerdo da referida senhora estava completamente torcido e tinha uma grande cicatriz. Quando chegou ao Abrigo Santa Luísa, foi preciso dar-lhe um banho, mesmo contra a sua vontade. Após, o banho, ela recebeu roupas novas e na hora da refeição, ela quis comer do lado de fora, sentada nas calçadas, de acordo com seu costume de vários anos. Após alguns dias, nós a levamos ao hospital e o médico nos aconselhou que ela fosse tratada no Centro de Saúde mental, administrado por outras religiosas. Depois ter feito o tratamento, Verônica voltou ao Abrigo Santa Luísa. Hoje, ela tem uma vida social quase normal. No entanto, ela não se lembra mais do seu passado. As Irmãs continuam suas pesquisas.

## A COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA ÁFRICA

Um dia, um homem idoso, de aproximadamente sessenta anos, estava dormindo na rua nas proximidades da Comunidade, e não tinha condições de se levantar. Muitos o olhavam de longe, com medo

de que ele fosse um bruxo. Uma Irmã da Comunidade Nossa Senhora da África que passava naquele local, tentou parar um carro ou um táxi para transportar o homem, mas como ele estava muito sujo, ninguém quis parar. Não sabendo o seu nome, nós o apelidamos de Moisés. Infelizmente, Moisés é apenas um caso entre tantos outros. Existem tantas pessoas abandonadas e com necessidades que a população se torna insensível. No entanto, para uma Filha da Caridade, os pobres são o Cristo sofredor. Após um bom tempo, algumas religiosas que estavam num carro nos viram, nos ajudaram a transportá-lo em seu carro e o conduziram à Comunidade. Ferido, ele estava todo desfigurado e sua mente confusa. A casa de Formação dos Padres Lazaristas era próximo da Comunidade, alguns Padres vieram ajudar-nos para dar os primeiros cuidados: dar-lhe um banho, dar-lhe de comer e cuidar de sua saúde. Mas, era preciso encontrar um lugar onde ele pudesse estar em segurança. Após ter tomado as iniciativas junto ao Abrigo Santa Luísa, situado numa proximidade de trinta quilômetros da nossa Comunidade, Moisés foi acolhido como um “rei”, como mais tarde ele mesmo expressou.

No Abrigo Santa Luísa, Moisés recuperou as forças físicas e espirituais, ele que estava condenado a morrer abandonado. Pouco a pouco ele recuperou suas capacidades, inclusive de comunicação.

## **COMUNIDADE DE DSCHANG**

“Por Amor e misericórdia, sou uma nova criatura” disse um jovem camaronês que compartilha sua conversão ocorrida na prisão.

“Eu nasci em uma família cristã, tenho um irmão mais novo. Meu pai morreu quando eu tinha cinco anos e minha mãe teve que trabalhar duro para nos criar e enviar-nos à escola católica da nossa cidade. No final dos estudos primários, minha mãe enviou meu irmão para morar com meu tio e, eu fiquei morando com ela. No sexto ano, ela me matriculou no catecismo, fui batizado e fiz a minha primeira comunhão. Ela conseguiu pagar meus estudos até a conclusão do bacharelado técnico.

Naquela época eu viva honestamente, eu era um jovem exemplar. Depois do bacharelado, minha vida mudou muito. Minha mãe vendeu tudo o que tinha para pagar um concurso para entrar na Escola Normal Superior de Ensino Técnico de Douala; no entanto, eu não passei. Eu me preparei para fazer outros concursos, mas, em vão. Minha mãe não tinha mais meios para me enviar ao Instituto Universitário de Tecnologia de Bandjoun, pois as despesas escolares eram extremamente altas. Então, ela ainda fez esforço para me enviar à Yaoundé, para a casa de uma amiga que vivia com seus filhos em uma pequena cidade, para que eu vendesse roupas usadas. Contudo, em Yaoundé, eu comecei a beber, a mentir, etc. Encontrei um emprego em um grande supermercado e o salário que eu recebia me permitia beber, indo de bar em bar. Isto se agravou e eu comecei a roubar coisas na loja para vender e beber. Um dia, fui flagrado e peguei quatro meses de prisão na cadeia central de Yaoundé. Ao ser libertado, estava desempregado. Voltei para o vilarejo para encontrar com minha mãe. Desta vez, ela me enviou para a casa de um primo em Douala, capital econômica dos Camarões. Após ter deixado o meu currículo em várias escolas particulares, fui contratado por um grande colégio para dar aulas de reforço de Matemática. Eu realizava tão bem este serviço que no final do mês, eu tinha bastante dinheiro. Rapidamente, eu tive uma recaída na bebida e algumas vezes chegava embriagado no colégio. Então, eu decidi deixar meu trabalho e voltei para o vilarejo. Minha mãe não desistiu, ela me enviou para Bafoussam onde tive um emprego em dois grandes colégios particulares, pois eu era um bom professor. Fiz todo o possível para não cair novamente nos erros do passado, porém, foi mais forte do que eu; então comecei a beber de novo e, houve uma vez que passei a noite com uma prostituta, de quem roubei o telefone celular para revendê-lo. No dia seguinte, ela denunciou à polícia que foi ao colégio para me prender; fiquei um ano e meio preso na cadeia de Bafoussam. Libertado, roubei um computador portátil de um estudante e fui novamente preso em

Dschang. Na prisão, fiquei muito doente e comecei a sentir todo o peso dos meus pecados. Minha mãe foi ver as autoridades da prisão para que eu fosse levado ao hospital do Distrito. Porém, rapidamente, o diretor do presídio ordenou a minha volta para o cárcere antes que eu ficasse curado. Duas semanas mais tarde, tive que ser levado ao hospital com urgência e fiquei internado. As Filhas da Caridade foram visitar os detentos e nesta ocasião nós nos conhecemos. Elas constataram o grave estado de saúde em que eu me encontrava, e pediram que eu fosse transferido para o hospital São Vicente de Paulo, dirigido pelas Irmãs. Elas se responsabilizaram por todos os cuidados, mas eu caí em coma e, minha família viajou na certeza de assistir ao meu velório. Entretanto, as Irmãs continuaram cuidando de mim; eu retomei a consciência, porém, fiquei com um lado paralisado. Mesmo estando preso ao leito do hospital durante semanas, as Irmãs continuaram cuidando de mim até o meu total restabelecimento.

Irmã Fuensanta me ofereceu uma Bíblia quando eu ainda estava internado no hospital. Comecei a ler o Evangelho de São Mateus e conforme eu o lia, compreendi que tinha retirado Deus completamente da minha vida, mas, como “não se coloca vinho velho em odres novos”, decidi mudar de vida. Falei sobre isto com a Irmã Katarzyna que me levou a um sacerdote e, eu me confessei. Realmente eu senti que estava transformando-me em um novo homem, com o coração em paz

Agora, que recuperei a saúde, peço a Deus para dar esta mesma oportunidade a outras ovelhas perdidas e, que me conceda a força e a coragem para estabelecer uma verdadeira família cristã, ajudar outros pobres homens como eu, e sobretudo, restabelecer a paz no coração da minha mãe, que durante muitos anos, sofreu tanto por mim.

## CONCLUSÃO

O Papa Francisco disse aos consagrados: *“Espero ainda de vós o mesmo que peço a todos os membros da Igreja: sair de si mesmo para ir às periferias existenciais. ‘Ide pelo mundo inteiro’ foi a última palavra que Jesus dirigiu aos seus e que continua hoje a dirigir a todos nós (cf. Mc 16, 15). A humanidade inteira aguarda: pessoas que perderam toda a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens a quem está vedado qualquer futuro, doentes e idosos abandonados...”*

Irmãs da Província

**MARIE-JOËLLE GUILLAUME, HISTORIADORA**

## **A vida de São Vicente de Paulo**

Marie-Joëlle GUILLAUME, agregada de Letras Clássicas e a mais recente biógrafa de São Vicente de Paulo, compartilhou com as Irmãs da Casa Mãe as características marcantes da vida de Vicente, este homem apaixonado pelo seu tempo, do qual ele soube extrair o melhor. Através de suas amizades, do seu sentido de oração, de confiança na Providência, Vicente vai colocar as pessoas que o solicitam para responderem juntas às necessidades que encontravam. Marie-Joëlle destaca especialmente como este camponês das Landes não hesitou em responder às missões mais arriscadas, em lugares mais desconfortáveis, com seu pequeno método de pregação que fará milagres e que ainda hoje pode ajudar a encontrar a força que ele soprou na Igreja do século XVII.

Notas tomadas durante a conferência, o estilo oral foi conservado

## Introdução

Hoje, vou falar-lhes sob um ângulo histórico e com um olhar de historiadora. Existem bastantes biografias de Vicente que são muito mais hagiografias, vistas na perspectiva da vida dos santos. Certamente, Vicente é santo e, nesta manhã, vamos constatar isto. No entanto, primeiramente vou me deter-me no contexto histórico da época, em seguida falarei sobre a vida de Vicente neste mesmo contexto, pois isto nos permite descobrir uma dimensão suplementar em sua pessoa. Logo, o objetivo é fazer um trabalho histórico para que esta personalidade excepcional na história da França e da Igreja possa ser vista em nossa época sob este mesmo ângulo.

De fato, é considerando Vicente em seu contexto histórico que, paradoxalmente, percebemos que hoje, ele tem muito o que nos dizer. Minha profunda convicção é de que, quanto mais um santo está enraizado em sua própria história, mais experiências essenciais ele tem a nos transmitir. O ser humano é igual em toda parte e, ao mesmo tempo, ele vive no centro de uma rede de vínculos específicos: familiares, sociais ou geográficos e, podemos compreender a partir de nossos próprios contatos o que foram os vínculos dos santos que nos são queridos. Aliás, trata-se do mesmo para Santa Luísa, dado que ela viveu na mesma época.

Nesta tarde, falarei sobre o carisma, a mensagem de Vicente nas diferentes dimensões do seu testemunho em sua época e para nós. Os dois aspectos são muito ricos, eu os organizei distintamente, muito embora, possam ter algumas sobreposições, porque é difícil separar os diferentes elementos. Além do mais, a personalidade de São Vicente de Paulo é tão rica que temos muita dificuldade de isolar alguns aspectos de sua atividade, pois ele faz tudo ao mesmo tempo. Chega-se a um determinado momento de sua vida em que o biógrafo não sabe mais onde está o início, pois todas as atividades acontecem paralelamente.

Eu desejei também olhar de uma nova maneira este aspecto histórico com o que sou, ou seja como mulher. Vicente teve um papel importante em favor da promoção da mulher. Ele soube descobrir e colocar em evidência os carismas femininos de uma maneira admirável. No que se refere à caridade, ele deu à mulher um papel de liderança.

Hoje, acredito que no pensamento em geral estamos nos distanciando mais e mais de alguns aspectos essenciais do gênio feminino. Por isso é importante voltar à fonte, e Vicente nos conduz às fontes mais puras e mais autênticas da cultura francesa.

No primeiro momento, vou vislumbrar as grandes etapas da vida de Vicente. Todas já as conhecem, no entanto, vou vislumbrá-las em relação com a história do seu tempo, tentarei situá-las em sua evolução e em seu carácter especial: a vida da primeira metade do século XVII.

Temos a tendência de utilizar a expressão “Grande Século” para falar sobre a segunda metade do século XVII, sob o reinado de Luís XIV. Mas, o Grande Século foi semeado pela primeira parte do século que é extremamente atrativo e interessante. Todavia, podemos dizer que Vicente foi ao mesmo tempo o “filho” daquilo que se vive ao seu redor e, o “pai”, porque influenciou profundamente esta primeira parte do século.

## ALGUMAS DATAS PARA SITUAR O CONTEXTO GERAL

Vicente nasceu em 1581 em Pouy, vilarejo das Landes na Gasconha e morreu em 1660 em Paris, no Priorado de São Lázaro (com 32 hectares do terreno). Quando ele nasceu, ainda estamos em plena guerra de Religião, isto é, oito guerras que se sucedem. Separadas por tréguas mais ou menos longas, estas guerras se estenderam de 1562 a 1598 (1598 é a data do Edito de Nantes, promulgada por Henrique IV).

Quando criança, Vicente conheceu as guerras de Religião porque Landes da Gasconha, onde ele nasceu, é muito próximo de Navarra, lugar de origem do Rei Henrique IV. A mãe de Henrique IV, Joana de Albret, que é Rainha de Navarra, sobrinha do Rei Francisco I, é uma figura importante do protestantismo na França: calvinista obstinada, Joana de Albret devasta o país a partir de 1569 com suas tropas, mas os católicos não ficam para trás: Blaise de Monluc, o chefe dos católicos na mesma região sudoeste, caminha no Monte-de-Marsan onde massacra a guarnição. Os protestantes devastaram e destruíram Aire e todos os vilarejos da região; Pouy foi incendiado. Estas guerras de Religião são ao mesmo tempo guerras políticas e religiosas. É verdade que existiram afrontamentos muito duros e sérios a respeito da salvação eterna e estas questões teológicas muito profundas, dividiram católicos e protestantes. No entanto, é preciso ter em mente também que os interesses políticos estão extremamente presentes e que, em grande parte, são eles que continuam as hostilidades. Em todo caso, Vicente criança conhece este clima de guerra.

Com a ascensão de Henrique IV as coisas não se acalmaram imediatamente. Ao chegar ao trono de França em 1589, Henrique IV está exposto à feroz oposição da Liga Católica e, ele dispõe apenas de uma legitimidade contestada. Em 1593, ele abjura solenemente o protestantismo e, neste momento, ele se torna plenamente reconhecido como Rei da França. Será um reino de apaziguamento, ele vencerá todas as oposições no Reino a partir da proclamação do Edito de Nantes em 1598, Edito de tolerância. A promulgação deste Edito coloca fim às guerras de Religião que tinham destruído o reino de França, durante a segunda metade do século XVI. Infelizmente, Henrique IV foi assassinado em 1610 por Ravaillac.

Ocorreu então, a ascensão do Rei Luís XIII. Maria de Médicis, esposa de Henrique IV, se torna a Regente, pois, Luís XIII é ainda uma criança (ele tem oito anos e meio). Mais tarde, em 1643, na morte do Rei de Luís XIII, será Ana da Áustria que terá a regência do Reino, porque Luís XIV também é ainda muito jovem (quatro anos e meio).

Logo, a época em que Vicente viverá e na qual vai verdadeiramente agir, será a do Reinado de Luís XIII. Contudo, trata-se de uma das épocas mais ricas e mais contestada da história de França. A primeira metade do “grande Século” é uma época muito contraditória; é nesta época que Vicente viverá e agirá:

- Por um lado, era a época da glória para o mundo das letras e da civilização. Temos Corneille: Paris inteiro corre para ver “O Cid” em 1637 (peça teatral). Foi também o triunfo da razão com Descartes, da pintura com grandes pintores como Poussin, Filipe de Champaigne, Rubens...

- Por outro lado, foi a época da guerra dos Trinta Anos, entre 1618 e 1648. As batalhas começaram primeiramente nas terras do império de Habsburgo. Mas, a partir de 1635, houve a invasão da Picardia, da Champanhe e mesmo da Ilha de França através das tropas que chamamos espanholas, porque o império de Habsburgo dominava ao mesmo tempo as terras do Leste, da Europa Central, da Espanha e os territórios que dependiam da Espanha, tais como os Países Baixos e outras Províncias do Norte. Logo, a Lorena, a Picardia e a Champanhe foram invadidas. Este será um período terrível e Vicente vai agir eficazmente.

- É também o tempo da Reforma Católica. De fato, é preferível falar de Reforma Católica a Contrarreforma porque a Contrarreforma se reveste de um caráter diretamente político que diz mais respeito ao que acontece nas terras do império de Habsburgo, e que está relacionado com a guerra dos Trinta Anos. Na França, a reforma católica é a Escola francesa de espiritualidade que é uma floração espiritual muito profunda. Portanto, é outro tipo de reforma pela qual estamos agradecidos ainda hoje.

Portanto, estamos diante de uma época que oferece muitos contrastes: ao mesmo tempo que existem tantas guerras e muita violência, existe uma geração intelectualmente brilhante e espiritualmente profunda.

### **AS PRINCIPAIS ETAPAS DA VIDA DE VICENTE A PARTIR DO QUE ACONTECE NO EXTERIOR NO CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA.**

#### **Um jovem camponês das Landes**

Nascido na última etapa das guerras de religião, Vicente é de uma família piedosa, sincera, católica de base, ou seja, de pessoas não ideológicas (pois nas guerras de Religião, existia tanto do lado católico como do lado protestante, políticas e ideologias). Seu pai era lavrador. Vicente ao longo de sua vida terá a tendência por humildade de rebaixar muito o nível social do qual ele saiu, ele falará do *“filho do lavrador”* e quando ele se dirige aos grandes do Reino, falará do *“filho de um pobre guardador de porcos”* (os guardadores de porcos eram considerados como a mais baixa escala social); na realidade, Vicente pertencia a uma família de lavradores abastada, o que na região sudoeste era chamada de *“capcazaliers”*, ou seja, proprietários de uma terra livre, não nobre, mas que pela isenção de determinadas taxas, dispunham também de um certo número de direitos sociais relacionados à terra, especialmente em relação à lenha. Quanto à família da sua Mãe, Bertrande De Moras, era uma família semirural e metade dela relacionada com o mundo dos juristas. Os irmãos e sobrinhos de dona Bertrande eram advogados e juizes do Tribunal de Dax e do parlamento de Bordeaux. Assim, os camponeses de Pouy e da região, cujas prefeituras eram administradas por si mesmas, tinham também o espírito jurídico. Durante toda a sua vida, Vicente de Paulo manifestará surpreendentes atitudes jurídicas; ele tinha de quem herdar esta característica, tanto pelo espírito do seu vilarejo como pela cultura dominante da família de sua mãe.

Certamente que Vicente, até o fim de sua vida, está vinculado com todas as fibras do seu ser à sua terra natal e à sua família católica. De uma família numerosa, Vicente é manifestamente o mais dotado intelectualmente, seus dons sobressaem do ordinário, é uma criança precoce e seu pai o destinou à vida eclesiástica. Vicente entrou em 1593 no Colégio dos Franciscanos em Dax, que fica há alguns quilômetros de Pouy, (hoje, São Vicente de Paulo) para começar seus estudos. Dois anos mais tarde as mensalidades escolares foram assumidas por um parente distante, o senhor de Comet, juiz de Pouy e advogado no Tribunal de Dax, que o alojou e o fez professor de reforço escolar para seus filhos. O ano de 1593, é também o ano que Henrique IV, abjurando o protestantismo, se torna realmente em todos os corações, o rei da França. É interessante ver a conjunção das coisas porque Vicente continua seus estudos num contexto mais pacífico. É sem dúvida o que lhe permitirá compreender e, ele o manifestará durante toda a sua vida, que os intercâmbios com os protestantes não podem ser violentos, mas que é preciso dialogar na mansidão, pois, é no diálogo que podemos nos encontrar. Claramente dotado, Vicente ultrapassa sem grandes dificuldades as etapas que o conduzem ao sacerdócio. Diácono em 1598, foi ordenado padre em 1600 pelo Bispo de Périgueux. Vicente tem 19 anos e meio.

### **Destaquemos um primeiro elemento da época de Vicente.**

No século XVII, eram as famílias que decidiam sobre o estado de vida dos seus filhos: casar ou entrar na vida sacerdotal ou religiosa. Hoje, vivemos extremamente o inverso, no entanto, naquela época, existia uma concepção das coisas, segundo a qual, a primeira era honrar e corresponder aos desejos da família; a vocação que passava pelas decisões familiares era, portanto, um pouco confundida com os desejos da família. E o fato é que, para São Vicente, não existe nenhuma repugnância de sua parte, ele é conhecido como uma criança piedosa e foi criado como tal em sua família. Tornar-se um sacerdote, parece-lhe algo natural.

É importante lembrar isto, pois, ao longo do século XX, existiam controvérsias sobre o fato de que Vicente foi ordenado muito jovem. Alguns o consideraram como um ambicioso, pois era lucrativa a função de pároco. Na realidade, na época, este tipo de situação era frequente, pois os decretos do Concílio de Trento, da metade do século XVI, ainda não tinham sido adotados na França e, só o foram, muito tempo depois, ao longo do século XVII, durante a Assembleia geral do Clero de 1615, sabendo que ainda era preciso esperar um certo tempo para que eles fossem respeitados pelo Estado. Logo, em 1600, vive-se uma espécie de anarquia onde existem muitos abusos, especialmente sobre a idade para ordenações, sobre o fato dos párocos não morarem em suas paróquia, nem os Bispos em suas dioceses, etc.

Contrariamente a tudo isto, os primeiros biógrafos de Vicente, começando por Abelly, Bispo de Rodez que o conheceu muito bem e que redigiu a primeira biografia quatro anos após a morte de Vicente de Paulo em 1664, viam em Vicente um santo desde a sua tenra idade e faziam de sua vocação o ponto de partida de sua santidade.

Na realidade, Vicente certamente tinha uma vocação, neste sentido, dado que era uma criança piedosa, de uma família sinceramente católica. Ele seguiu o que se fazia em sua época e, aqui vemos a interação entre a época vivida por Vicente e os costumes do tempo no qual se seguia os votos da família. Aliás, ele não teria podido, tão jovem, entrar sozinho na vida eclesiástica, isto não acontecia, seguia-se o que a família desejava. Vicente obedeceu às decisões de sua família; seu pai que desejava vê-lo sacerdote, não hesitou em vender dois bois para permitir a seu filho de dar passos em seus estudos de teologia. O pai de Vicente morreu em 1598, os irmãos e irmãs ainda estavam se estabelecendo. É provável que o senhor de Comet, seu protetor que fazia parte da família distante, tenha considerado adequado precipitar os acontecimentos. Logo, esta não era uma vocação onde revelaria imediatamente sua força interior e seus dons, como será o caso mais tarde, nem uma questão de carreirismo pessoal.

Eu fiz este parêntese, pois quando se fala de uma personagem histórica, deve-se considerar sempre o contexto e reconhecer que esses processos de intenção baseiam-se no anacronismo. O grande pecado na história, é o anacronismo, ou seja, projetar ideias e maneiras de olhar uma determinada época num período diferente. Deve-se compreender a época tal como ela é, e conhecer os caminhos e suas realizações.

### **DA UNIVERSIDADE DE TOULOUSE AO CATIVEIRO NA BARBÁRIA**

Quando Vicente foi ordenado sacerdote em 1600, ele fez uma peregrinação à Roma, que contará muito em sua vida. Porém, ele não conhece ainda a floração espiritual que começa a realizar-se em Paris, ao redor das diferentes personalidades, como a do círculo da senhora de Acarie.

Em Toulouse, Vicente faz sete anos de estudo de teologia que lhe valerão o diploma de bacharel em teologia em 1604. Durante o ano universitário que segue de 1604 a 1605, ele mergulha na grande

teologia, pois como o *Segundo livro das Sentenças*, de Pedro Lombard, famosa obra da escolástica medieval que era costume ensinar nas universidades de teologia. Tratava-se de toda a doutrina cristã e especialmente da doutrina da graça e da liberdade humana. Mais tarde, veremos Vicente se interessar pela querela jansenista, no entanto, não devemos esquecer que, muito jovem, ele tinha um alto nível teológico e que refletiu em todas as questões da liberdade e da graça.

Depois ocorre um episódio que é a questão do cativo em Túnis. Vicente ainda está em Toulouse ao menos no mês de junho de 1605. No entanto, desde o mês seguinte até julho de 1607, ele desaparecerá.

### **O CATIVEIRO DE VICENTE EM TÚNIS (1605-1607)**

Este cativo, nós conhecemos através de duas cartas escritas por Vicente ao seu protetor, o senhor de Commet.

Em junho de 1605, ele parte para Marselha, em condições mirabolantes, em busca da herança de uma “boa senhora idosa”, roubada por um bandido. É preciso buscá-la rapidamente, Vicente tem dívidas, prometeram-lhe um Bispado que ainda não possui, mas fizera dívidas nesta perspectiva... ele alcança o homem em Marselha, conclui os seus negócios em seu favor e, para ganhar tempo no caminho de volta, decide voltar pelo mar, até Narbone. A partir daqui, perdemos os seus traços. Dois anos mais tarde, ele reaparece em Avinhão, e escreveu aos seus entes várias cartas, dentre as quais, somente duas chegaram até nós.

- A “carta ao senhor de Comet” datada em Avinhão, no dia 24 de julho de 1607 - trata-se do senhor de Comet, “o jovem”, irmão mais novo do antigo mentor de Vicente que, após a morte do irmão, assumiu a responsabilidade de continuar apoiando o jovem padre. Vicente fez-lhe o relato de sua captura no mar por piratas bárbaros, sua venda como escravo em Túnis, seu cativo sob o poder de quatro mestres sucessivos, (especialmente um alquimista), e a conversão do último deles, um renegado de Nice, “vivendo como muçulmano” que, convertido, organizou a fuga de ambos por barco. Foi assim que Vicente conseguiu alcançar a costa francesa. Ele anuncia depois ao senhor de Comet sua partida iminente para Roma com o Vice-legado do Papa em Avinhão que, considerando sua amizade, prometeu-lhe um benefício eclesiástico. Destacando sua vontade de honrar as dívidas, Vicente pede ao seu correspondente para lhe enviar os documentos necessários para a obtenção do benefício.

- em uma nova carta ao senhor de Comet, datada em Roma, no dia 28 de fevereiro de 1608, Vicente evoca sua estadia no Vice-legado e as condições necessárias para a obtenção do benefício prometido. Porém, mais uma vez, o benefício esperado não chega.

Este cativo não suscitou nenhuma dúvida até a metade do século XX. Na metade do século XX, o cativo é colocado em dúvida principalmente por um erudito Lazarista, a quem devemos a edição das *Correspondências de Vicente*, o Padre Coste. Entre 1920 e 1930, aconteceu uma controvérsia entre aqueles que pensavam que, através destas duas cartas, sobretudo a primeira, existiam circunstâncias do cativo que Vicente tinha testemunhado sobre estes dois anos de sua vida. Por outro lado, dizem que estas cartas eram uma fantasia de Vicente, ou mais exatamente uma camuflagem destinada a não evocar o que tinha acontecido durante estes dois anos onde, certamente, algo não muito bom aconteceu. E, dado que ele tinha sido uma criança má, que se converteu depois, era preciso esconder isto; assim se compreendia porque Vicente jamais falara a este respeito, ao longo de sua existência.

Após esta controvérsia de 1920 a 1930, outros esclarecimentos foram acrescentados. Compreendemos, por exemplo, que aqueles que concluíram ser uma fantasia de Vicente, estavam influenciados pela maneira de conceber a santidade, segundo a qual era preciso ser muito mau, antes, para se tornar muito mais santo depois; porém, aqueles que partiram das afirmações do Bispo Abelly, para quem Vicente era santo desde o início, concluíram que ele não podia ter mentido. Entretanto, Vicente teria sido realmente um santo desde o início de sua vida? Existia, um conjunto de preconceitos dos dois lados que poluíram o debate e percebemos isso ao longo dos anos. No fundo, para simplificar as coisas, poderíamos dizer: “talvez, sim, talvez, não!”. Como historiadora, eu retomei todo o dossiê, todos os elementos da controvérsia, os que são contra e os que são a favor. Busquei saber o que poderia existir atrás dos preconceitos. Parti da ideia que era estranho que Vicente tivesse contado histórias, que era preciso também considerar estas duas cartas, não com o nosso estado de espírito, mas com o estado de espírito da época, e lembrar tudo o que se passou naquela época, pois a cativo na Barbária, infelizmente, era algo muito comum, muito habitual. Por conseguinte, as coisas eram percebidas de uma certa maneira.

Eu li diversos documentos, especialmente, os trabalhos de um universitário de Bordeaux, falecido em 2008, especialista das relações entre a França e a África bárbara. Ele destaca uma certa quantidade de elementos sobre a escravidão na costa ibérica, e as maneiras como se podia ou não fugir. Todos estes elementos me permitiram mergulhar nesta controvérsia, com outro olhar. Além do mais, o Padre Koch produziu trabalhos interessantes sobre a formação jurídica de Vicente, dado que Vicente fora muitas vezes, em sua infância, à casa dos seus avós maternos, onde havia muitos juristas. Vicente tem portanto, um conhecimento do mundo jurídico. Se examinarmos de perto estas duas cartas ao senhor de Comet, especialmente quando ele fala das duas dívidas, os aspectos jurídicos permitem concluir que ele diz a verdade sobre a sua aventura.

Nas duas cartas, tanto a de Avinhão como a de Roma, ele escreveu sobre a necessidade de ter os documentos que provassem que ele tinha estudado teologia, que tinha sido ordenado em 1600 para obter o benefício eclesiástico que lhe fora prometido pelo Vice-legado do Papa. Existem dois elementos importantes: tanto o pagamento de suas dívidas, quanto a necessidade de ter os documentos para obter o benefício eclesiástico.

Constataremos ao longo da vida de Vicente que, quando ele escreve, assina as cartas, porém, não coloca as suas rubricas ao lado (as rubricas são as iniciais que se coloca ao lado da assinatura nos documentos jurídicos em cada página para mostrar que tudo, antes da assinatura final, tem um valor jurídico). Vicente jamais colocou suas rubricas nas cartas particulares, porém, ele o fez em todas as suas correspondências de caráter jurídico. Todavia, em sua carta de Avinhão para o senhor de Comet, ele colocou sua rubrica. Logo, esta rubrica significa que o objetivo da carta não é primeiro contar sobre o cativo; é evidente que ele começou a contar ao seu preceptor para explicar por que ele desapareceu durante dois anos; é seu dever dar-lhe notícias, mas a carta tem um lado jurídico pelas razões já citadas. Vicente foi contestado por não ter dado um certo número de detalhes sobre o seu cativo e a maneira como ele voltou. No entanto, isto parece natural quando levamos em consideração que o objetivo da carta não era este. Por outro lado, estas cartas rubricadas mostram a seriedade dos seus autores e não correspondem a um conto imaginário. Uma tal descrição, aliás, seria estranha da parte de Vicente que conhece bem o mundo jurídico e o seu rigor, devido aos seus vínculos familiares.

A pesquisa histórica sobre este ponto, sendo fiel ao que talvez Vicente tenha desejado dizer, esclarece uma parte essencial de sua personalidade, de sua juventude e permite compreender a reação que, enormemente surpreendeu, quando foram descobertas estas duas cartas em 1658 e em 1660, momento em que Vicente parecia querer abafá-las, para que não fossem comentadas externamente. Se

Vicente não queria falar, não era para esconder algo inconfessável, mas em razão do contexto de 1658 e 1660. Trata-se do momento em que as missões, que tinham sido instaladas na Barbária por Vicente, se encontram em dificuldades, correndo-se até mesmo o perigo de ter que renunciá-las. O fato de fazer ressurgir estas cartas, que mostram um cativo na realidade pouco penoso, pode ter uma ação desfavorável no momento em que Vicente e os seus amigos buscam sensibilizar a opinião das pessoas para vir em ajuda às missões. Existem enormes problemas, os missionários e os escravos cristãos do lado da Barbária, são confrontados ao martírio, não é o momento de minimizar os sofrimentos infligidos. Logo, é realmente uma situação de circunstância que faz com que Vicente fique inquieto com a ideia de que as cartas de sua juventude sejam reveladas; isto não tem nada a ver com a hipótese de um conteúdo que pudesse comprometer a sua pessoa.

### **VICENTE A PARIS EM 1609**

Após estes dois anos de escravidão, Vicente permanece alguns meses em Roma. Estamos em 1608. Antes do fim deste mesmo ano, Vicente volta para a França, encarregado pela Santa Sé de uma missão confidencial para o Rei Henrique IV. Doravante, Paris será seu porto de ancoragem e o lugar da realização do seu destino.

### **O círculo da Madame Acarie**

Na virada do século, a cidade de Paris de Henrique IV é trabalhada por aquilo que se tornaria ao longo dos anos a corrente do “humanismo devoto”. Mas, afinal, o que é “humanismo devoto”? A fórmula é do historiador Henrique Bremond: significa orientação do espírito e da alma, presente em toda elite católica profundamente espiritual e, que impulsiona ao mesmo tempo a um aprofundamento da mística e do desejo de que esta vida mística permeie a vida social. Na escola francesa de espiritualidade, existe a meditação do mistério da Encarnação, o que na época era algo muito típico. Em 1603, Henrique IV chamou de volta os Jesuítas para a França, pois tinham sido expulsos do reino durante as guerras de Religião; o reinado de Henrique IV foi um reino de pacificação. Os Jesuítas multiplicaram seus colégios e sabemos que em suas escolas, existe a união da cultura com o espiritual, da inteligência com a fé e, muito rapidamente, isto terá uma influência em todas as mentes daquele tempo; por exemplo, Corneille é um dos alunos dos Jesuítas de Rouen, Honoré d’Urfé, com seu romance em série, chamado “l’Astrée” que se estendeu por vinte anos com um imenso sucesso, estava muito vinculado aos Jesuítas naqueles anos.

Os mosteiros reflorescem com três grandes Abadias, como a Abadia de Montmartre. Em 1609, acontece a “Jornada do Guichet”, esta famosa jornada do guichê na Porta-Real, que destaca a jovem Superiora Angélica Arnaud, que tem apenas 18 anos. Ela foi colocada no convento por sua família, porque sua família assim decidira, porém, aos 18 anos, ela se converte realmente e em 1609, proíbe a entrada de sua família no mosteiro, pois deseja restabelecer a clausura - o que realmente acontece. Trinta anos depois, ela se converterá ao jansenismo.

É um tempo de efervescência espiritual. Existe o **Círculo da Madame Acarie**, esposa de Pedro Acarie (Pedro Acarie fez parte da Liga Católica e fez coisas que foram muito contestadas, o que provocou uma preocupação em sua esposa). Ao redor da Madame Acarie, reuniam-se:

- seu primo alemão, **Pedro de Bérulle**, o futuro Cardeal, que tem apenas 27 anos.
- **André Duval**, doutor da Sorbonne.

- **Francisco de Sales** que, em 1602, veio a Paris para uma missão diplomática junto ao Rei Henrique IV. Ele ajudou Madame Acarie na missão que ela mesmo se encarregou de introduzir na França, a Ordem dos Carmelitas.

Em 1604, Pedro de Bérulle vai atrair os carmelitas da Espanha para fundar o Carmelo na França. O Padre André Duval com Bérulle dirigirá espiritualmente os carmelitas e fundarão vários conventos. Após a morte do seu marido, Madame Acarie entrará para o Carmelo e se tornará a futura Bem-aventurada “Maria da Encarnação”<sup>1</sup>.

Em dezembro de 1602, Francisco de Sales volta para sua Diocese de Genebra-Annecy. Embora distante, ele permanecerá muito influente, principalmente por seu livro: “*A introdução à vida devota*” lançado em 1609.

Em 1602, Vicente ainda não estava em Paris e não frequenta o Círculo de Madame Acarie. Quando Francisco de Sales publica o livro “*A introdução à vida devota*”, é um imenso sucesso e propaga-se, rapidamente, tanto em Paris como em outros lugares. “*A Introdução à vida devota*” dirige-se às mulheres do mundo, mas o livro terá o seu sucesso e uma influência que irá muito além das mulheres do mundo. Vicente, por ocasião da fundação da primeira Confraria da Caridade pedirá às Damas para adquirirem o livro “*A Introdução à vida devota*” como leitura habitual e como inspiração de sua ação. Sem dúvidas, Vicente leu este livro desde 1609 e Bérulle vai se tornar o seu Diretor Espiritual durante oito anos.

A partir de 1609, serão necessários dois anos para que Bérulle, em 1611, possa fundar o Oratório, uma imitação do Oratório, fundado na Itália por Felipe Néri. O oratório permite aos padres se encontrarem em comunidade para rezar juntos e confortar-se mutuamente em seu sacerdócio. Vicente não se esquecerá disso, quando mais tarde, à sua maneira, fundará as Conferências das Terças-feiras.

**No final de 1608 e início de 1609** Vicente chega a Paris, encarregado pela Santa Sé de uma missão confidencial junto ao Rei Henrique IV. Esta missão verbal, não escrita, junto ao rei Henrique IV, nunca foi esclarecida. Em todo caso, Vicente se torna a passos largos um dos capelães da Rainha Margarida, mais exatamente, a Rainha Margarida de Valois. A Rainha Margarida é a primeira esposa de Henrique IV, no entanto, seu casamento foi anulado por Roma e Henrique IV casou-se com Maria de Médicis em 1660. Tudo isto não impede a Rainha Margarida ser ativa e, em 1609, próximo ao seu palácio que fica às margens do Sena, ela fundou o Hospital da Caridade.

Vicente se torna um dos capelães da Rainha e frequenta o Hospital da Caridade. Ele o frequenta assiduamente e continua a experiência de doação de si mesmo na caridade junto aos doentes, como aprendera em Roma. A Rainha Margarida confiou o Hospital da Caridade aos Irmãos de São João de Deus. Era a mesma ordem dos Irmãos de São João de Deus que Vicente tinha frequentado durante a sua estadia em Roma, em 1608. Na época, a especificidade dos Irmãos de São João de Deus era cuidar da pessoa em sua totalidade e não somente da doença que ela sofria. Este já é um primeiro sinal do que será a origem do fundamento do carisma vicentino, dado que Vicente, pela Providência, é levado a agir neste contexto.

Em todo caso, de acordo com a opinião de Monsenhor Calvet, um grande historiador da literatura do século XX, foi certamente graças à sua passagem pela corte da Rainha Margarida que Vicente adquire uma certa clareza e segurança na língua francesa. Seu estilo é rude, direto e familiar, certamente, para nós existem expressões relacionadas ao século XVII, porém apesar de tudo, existe uma grande clareza de expressão.

**Esta também é uma época de explosão literária** com seus autores famosos: Corneille, e mais tarde Molière, Racine, etc. Em 1637, todo mundo vai aplaudir a peça de teatro “ O Cid”. Porém, já em 1609, tinha começado a publicação de uma obra que na época era muito valorizada: o romance “*l’Astrée*” de Honoré d’Urfé. Na época, esta literatura plena de espírito de aventura traz também uma verdadeira preocupação espiritual e esforça-se para colocar, de alguma maneira, os leitores acima de suas possibilidades, isto é muito significativo no que diz respeito à mentalidade da época. Todo este ambiente teve também um papel importante na percepção que Vicente tinha de sua época.

**Também é a época onde existe um entusiasmo pela exploração da Nova França** (como na época chamava-se o Canadá), para onde serão enviados missionários na década de 1610. Os primeiros missionários foram os Recoletos, a partir de 1615, depois os Jesuítas chegam à Nova França em 1625, onde acontecerá um extraordinário impulso de evangelização e muitos mártires.

### **DOIS MOMENTOS DE CRISE DE FÉ DE VICENTE DE PAULO.**

Entre 1610 e 1616, Vicente conhece uma grande crise de fé, em dois momentos. Estes acontecimentos têm uma função importante na evolução de sua vida, pois, Bérulle, seu Diretor espiritual, que é consciente desta crise, envia Vicente em 1612 à Clichy para tornar-se o pároco, Podemos pensar que se Vicente tem responsabilidades pastorais, ele poderá ter mais clareza sobre a crise que vivia.

**A partir de 1612**, Vicente faz esta experiência apostólica de pároco em Clichy, em uma época de grandes mudanças, uma época onde existem outras expectativas, existe o fervor, mas também muita coisa para corrigir. Dado que as guerras de Religião acabaram há pouco, tudo deveria ser refeito, saía-se de uma época realmente difícil. Quando Vicente se torna o pároco de Clichy, ele está no centro do problema. Em muitos lugares, os padres são mal formados e Vicente será confrontado em 1612 ao que acontece quando se quer evangelizar. Dito isto, parece que Vicente guardou uma boa lembrança deste curto período. Parece que através da experiência feita da sede de Deus dos seus paroquianos, a Providência quis fazer-lhe compreender o que lhe tinha sido pedido para responder a esta sede.

No entanto, acontece que rapidamente ele é retirado da paróquia de Clichy pelo próprio Bérulle, a quem o General das Galeras do Rei, Felipe Emanuel de Gondi e sua esposa Francisca-Margarida, pediram um preceptor para os seus filhos. Bérulle está fundando o Oratório, e procura criar, em toda parte, comunidades de Oratorianos; sem dúvida, não há muitas pessoas à sua disposição para responder ao pedido dos Gondi.

Ele sabe que Vicente tem dons para formar e ensinar. Quando Vicente era estudante de Teologia em Toulouse, paralelamente, ele foi regente de colégio para ganhar a vida, de um colégio em Buzet que se encontrava a aproximadamente trinta quilômetros de Toulouse. Ele realmente vai satisfazer as famílias. Os pais estavam tão contentes com Vicente, que este último pôde levar seus alunos para Toulouse, onde ele estudava, para continuar a ser regente do colégio. Do mesmo modo que estudara em Dax, como preceptor dos filhos do senhor de Comet, também pôde desobrigar o seu pai dos encargos dos estudos. Logo, Bérulle tinha descoberto em Vicente qualidades de formador que veremos desenvolver ao longo de sua vida. Esta é certamente uma das chaves de sua personalidade. Bérulle pensa, portanto, que é uma boa solução fazer Vicente entrar para os Gondi, é alguém em quem se pode pensar que tem futuro como preceptor.

**Quando Vicente entra para os Gondi, no outono de 1613**, a mais velha das três crianças, tem apenas sete anos, a segunda tem três anos e a terceira é João Francisco de Paulo que acabara de nascer, é este que será o futuro Cardeal de Retz, figura contrastada que só fez o bem em sua vida e teve um papel

bastante negativo na Guerra da Fronda. Ora, na época, as crianças até sete anos de idade, ficavam sob a responsabilidade de mulheres. Era a partir dos sete anos que elas “passavam para as mãos dos homens”, segundo a expressão do século XVII. Portanto, Vicente deveria começar logo sua tarefa. Embora Vicente tivesse aspirações maiores, ele deveria obedecer ao seu Diretor Espiritual; portanto, ele entra para a família dos Gondi, que terá um papel essencial em sua vida.

Francisca Margarida de Gondi é a primeira mulher de uma longa lista de outras mulheres que terão um papel importante na vida de Vicente, em sua ação e em toda a sua expansão. A família paterna de Francisca Margarida de Gondi, nascida Francisca Margarida de Silly, tem um certo número de terras que serão acrescentadas às terras do seu marido, embora as terras dos Gondi, muito numerosas, se estendessem pela Ilha de França, Picardia e Champanhe.

No início do ano de 1617, Vicente está morando no castelo de Folleville, nas terras dos ancestrais de Francisca Margarida de Gondi. Vicente acompanha esta mulher muito generosa em suas rondas de caridade junto aos seus, em suas terras da Picardia; um dia, em 1617, quando ele já estava na Família dos Gondi há quatro anos, acontecerá o primeiro evento de 1617 que transformará Vicente. Um camponês do vilarejo de Gannes pede para Vicente ficar ao lado dele; ele vai morrer com a consciência de estar em estado de pecado mortal, pois cometeu enormes pecados durante sua existência que sempre escondera em suas confissões. Vicente estava ao mesmo tempo espantado e maravilhado por ter arrancado uma alma da perdição para a eternidade; já o camponês estava maravilhado com a sua própria libertação e, durante os três dias que lhe restaram ainda de vida, ele proclamará a todo o vilarejo, sua felicidade de ter sido libertado. Francisca Margarida de Gondi está consciente do fato de que a pobre gente do campo “*morre de fome e se condena*”.

Em consequência disto, Vicente fez, no dia da conversão de São Paulo, este famoso sermão de 25 de janeiro de 1617, na Igreja de Folleville que se encontra ao lado da cidade de Gannes. Neste famoso sermão, Vicente chama à conversão os corações e, em retorno, ele vai operar sua conversão interior. Ele dirá durante toda a sua vida que nisto se situa a origem da Congregação da Missão, muito embora ela só seja fundada oito anos mais tarde, em 1625. Vicente sempre deu a data de 1617, como a verdadeira data da fundação da Congregação da Missão, pelo menos, no coração da Providência, porque foi naquele dia que ele descobriu, com 36 anos de idade, que foi feito para evangelizar o povo do campo, cuidar do corpo e da alma da pobre gente do campo.

Ele será rapidamente levado a isto, ao tomar conhecimento sobre o estado espiritual de muitos padres ao seu redor, dado que, Madame de Gondi lhe explica ter percebido que, quando ela se confessava, seus confessores na maioria das vezes, não sabiam a fórmula da absolvição. Por isso, ela pediu a um religioso que conhecia e que sabia muito bem a fórmula, para escrevê-la em um papel e se acostumou a ir se confessar levando-a consigo l).

Alguns meses mais tarde, consciente de que não era se tornando um preceptor de jovens senhores que ele poderia se consagrar aos pobres camponeses, Vicente pede a Bérulle para ajudá-lo a deixar o serviço na família dos Gondi. Então, Bérulle vai empregá-lo como pároco em Châtillon-les-Dombes em agosto de 1617. Este será o segundo grande acontecimento vivido naquele ano; é este que festejamos em 2017, o quarto centenário. Ao ajudar com os seus paroquianos a uma família doente que está sofrendo, Vicente tem a ideia de fundar a primeira confraria da Caridade. Primeira experiência dessas confrarias que irão revolucionar o exercício da caridade. Após cada Missão realizada pelos padres evangelizadores, as mulheres criarão uma confraria da Caridade. Aqui está o duplo aspecto da vocação de Vicente: tanto estar presente junto aos pobres camponeses para cuidar do corpo e da alma, quanto em responder à

necessidade de formar os padres. Esta será a dupla vocação da Congregação da Missão, como os dois pratos de uma balança.

### **Entre 1617 e 1625, gestação da Congregação da Missão**

Vicente está na mesma linha de Bérulle e do movimento devoto: ter tanto a preocupação com a contemplação do Verbo Encarnado quanto com a ação social que deve andar lado a lado com a profundidade desta contemplação. Logo, constatamos uma espécie de movimento paralelo que vai manifestar-se muito bem na convergência de preocupações entre Francisco de Sales e Vicente.

Vicente encontra Francisco de Sales em Paris, no ano de 1618 através de Felipe Emanuel de Gondi. Eles irão desenvolver uma amizade. Nascido em 1567 nas terras do Duque de Saboia (a Saboia ainda não está unida à França), Francisco de Sales tem 51 anos e Vicente têm 37 anos. Francisco de Sales é portanto, um irmão mais velho na fé, e ao mesmo tempo, um modelo. Vicente admira tudo em Francisco de Sales, primeiramente sua bondade; Vicente dirá também que ficou muito marcado por sua doçura. Ao tornar-se Bispo de Genebra, Francisco de Sales tem muita influência sobre Joana de Chantal com quem ele fundou os Mosteiros da Visitação, durante esse período intenso da vida espiritual francesa.

As pessoas que rodeavam Madame Acarie e suas redes de amizade serão, mais tarde, as mesmas que ajudarão Vicente em suas obras, particularmente Francisco de Sales que se tornará um dos seus amigos mais próximos, porém, infelizmente, por pouco tempo, pois Francisco de Sales morrerá em 1622.

### **É a época em que o reinado de Luís XIII se afirma tendo Richelieu ao seu lado.**

Henrique IV foi assassinado em 1610 por Ravailac. Luís XIII tinha apenas oito anos quando seu pai morreu. Portanto, o reinado de Luís XIII começou sob a regência de sua mãe, Maria de Médicis. Foi com a idade de treze anos, considerada na época a maioridade para o Delfim da França (título dado ao herdeiro da coroa francesa), que ele vai se tornar rei, porém, ele só realmente governará a partir de 1618. Portanto, o reinado efetivo de Luís XIII se estendeu de 1618 até a sua morte em 1643. Desde 1624, o Cardeal Richelieu é o ministro principal de Luís XIII. Logo, será entre 1624 e 1643, data da morte de Luís XIII, (Richelieu morreu alguns meses mais tarde), que realmente se manifestará um certo brilho da primeira parte desta época do século XVII e que, paralelamente, vão organizar-se as instituições essenciais de Vicente, ou seja, a Congregação da Missão em 1625 (e a instalação da Congregação da Missão no Priorado de São Lázaro em 1632).

Por outro lado, em 1624, Vicente conhece Luísa de Marillac que é casada com Antônio Legras e que será conhecida como Mademoiselle Legras (o termo Madame era reservado às mulheres casadas, mas de um nível social mais elevado). Em 1633, com Luísa, acontece a fundação das Filhas da Caridade. Luísa é o ponto de junção das duas iniciativas muito importantes de Vicente pois, a partir de 1617, graças à Madame de Gondi, desenvolveu-se uma grande expansão das Confrarias da Caridade e, são as Damas da Caridade na vida civil, mulheres casadas, muitas vezes viúvas, que dedicavam seu tempo, seu dinheiro e sua habilidade. Porém, estas Damas da Caridade não teriam podido desenvolver tudo isto, se Luísa não estivesse comprometida com este desenvolvimento.

A partir de 1633, as jovens da caridade chegam para ajudar as Damas, a exemplo de Margarida Naseau, uma jovem vaqueira de Suresnes. Margarida está no centro da compreensão do carisma de Vicente. Através de sua humilde condição, ela encarna o caráter imediato desta relação com os pobres. Além disso, ela vai despertar em outras jovens camponesas o desejo de ajudar as Damas da Caridade no

exercício do seu serviço. Mais tarde, tendo Luísa na cabeça da organização, elas também vão se tornar uma entidade propriamente dita, ou seja, as Filhas da Caridade, vão desenvolver-se como uma das maiores instituições de caridade de Vicente.

### **1633: Fundação das Conferências das Terças-feiras.**

Na época, o Concílio de Trento tinha desejado a criação de Seminários, mas, eles não tinham sido organizados ou não tiveram os resultados que se esperava; os padres eram mal formados, tinham grande necessidade de uma sólida formação. Nesta linha de sua responsabilidade pastoral, o Bispo de Beauvais, Dom Potier, deseja estabelecer retiros para ordinandos. Ele fala a respeito do assunto com Vicente, pois ele o conhecia muito bem, graças a todas as missões que este último pôde realizar e graças às caridades que estabeleceu na Picardia. Juntos, Dom Potier e Vicente colocam em prática em 1628, a vontade de organizar estes retiros para os ordinandos e, no final de alguns anos, eles levam a intuir em 1633 a Conferência das Terças-feiras.

As Conferências das Terças-feiras permitem aos padres que já se encontraram durante os retiros para ordinandos, trabalharem juntos sobre a encarnação quotidiana de sua vocação. Durante anos, estas Conferências das Terças-feiras vão constituir uma espécie de abrigo espiritual para o aprofundamento da vocação. Ora, isto acontece ao mesmo tempo que o desenvolvimento das redes sociais, amigáveis e espirituais - toda a corrente espiritual deste movimento devoto que irrigou a vida social diária.

O escritor Daniel Rops pode nomear o Grande Século com uma fórmula que permaneceu famosa: "O Grande Século das Almas". Pode-se ver a afirmação deste Grande Século das Almas, a partir da década de 1630, com Francisco de Sales, Doutor Duval e Bérulle; vemo-lo se afirmar com Jean-Jacques Ollier, fundador do Seminário de São Sulpice, aluno afetivamente muito unido a Vicente; com Charles de Condren que após a morte de Bérulle em 1629, o sucederá na responsabilidade pelo Oratório; com Jean de Brébeuf, mártir no Canadá em 1649 que fazia parte dos Padres Jesuítas e deste grande movimento de paixão pela evangelização com Pedro Fourrier, João Eudes, leigos como Barão Gaston de Renty, "braço direito" de São Vicente, diretor e animador da Companhia do Santíssimo Sacramento, fundada entre 1629-1630. Durante trinta anos, a Companhia do Santíssimo Sacramento terá uma grande função na vida espiritual da época; Vicente de Paulo fez parte desta Companhia, tendo suas próprias obrigações e seu papel nesta missão.

Diferentemente do que hoje, às vezes se acredita, a Companhia do Santíssimo Sacramento não era reservada aos leigos, existiam também padres e até mesmo certo número de Bispos; porém, ela era reservada aos homens. Foi por isso que sua ação de caridade teve, certamente, sua influência, mas não a mesma extensão das obras de caridade de Vicente que, estavam sob o poder das mulheres. Deve-se dizer também que as oposições, as contestações e mesmo as calúnias atingiram a Companhia do Santíssimo Sacramento, porque existiam entre eles, magistrados, membros do mundo jurídico que desejavam corrigir-se um pouco dos seus erros; além do mais, era uma Companhia que cultivava o segredo pela preocupação com a humildade, mas também, com a preocupação da eficácia para reprimir os abusos. Logo, ela foi exposta a muitas calúnias, quando de fato, ela realmente irrigou espiritualmente a época. Podemos dizer que este tipo de calúnia não atingiu as obras vicentinas que, sempre foram realizadas com transparência e passava pela delicadeza e sensibilidade feminina.

Portanto, são as mesmas redes de amizade e as mesmas redes familiares que irrigam a Conferência das Terças-feiras, a Companhia do Santíssimo Sacramento e toda a evolução da sociedade da época. Muitas Damas da Caridade são tias, sobrinhas, primas de sacerdotes que participavam das Conferências das Terças-feiras, de Bispos que serão escolhidos em seu meio. Pois, Richelieu, ministro

principal do Rei Luís XIII de 1624 até 1642, gostava de pedir ao Padre Vicente, devido à sua experiência com a Conferência das Terças-feiras, nomes de personalidades que pudessem assegurar o cargo de Bispo. Vicente o fará sempre com discrição, porque não queria que a Conferência das Terças-feiras se tornasse um lugar de intrigas, mas ele o fará.

Na morte do Rei Luís XIII em 1643, sua esposa, a Rainha Ana da Áustria que se tornou a regente, estabelece o seu próprio Conselho de consciência, ou seja, o Conselho dos assuntos eclesiásticos. O fato de ela pedir a Vicente para fazer parte deste Conselho e se encarregar especialmente das nomeações eclesiásticas, situa-se na continuidade dos serviços já prestados por Vicente, tanto ao Estado como para a Igreja na época de Luís XIII e de Richelieu. Vicente está estreitamente vinculado à evolução do Reino e a tudo o que isto representa de necessidades apostólicas de conversão. Sua função é capital na instalação de homens nos diferentes cargos. Existia nas nomeações eclesiásticas um desafio eclesial, um desafio para a Igreja porque havia muitos abusos, e, ao mesmo tempo, havia um desejo verdadeiro de corrigi-los. À medida que o Rei era responsável pelas nomeações eclesiásticas, ambos estavam estreitamente relacionados.

*Por que o Rei da França era responsável pelas nomeações eclesiásticas?*

Era a consequência e a aplicação da Concordata de Bolonha de 1516, do século precedente. Esta Concordata foi assinada entre Francisco I, Rei da França, e o Papa Leão X, em Bolonha, por ocasião do V Concílio de Latrão, para que o Rei da França pudesse nomear todos os titulares dos grandes postos eclesiásticos para a chefia dos bispados e abadias. As nomeações, antes de serem confirmadas pela sagração, deveriam ser aprovadas pelo Papa, mas este, não se opunha a estas nomeações, a não ser em casos graves, por razões extremas. Portanto, existe uma espécie de estratégia nas nomeações episcopais e todas as suas consequências na vida religiosa do reino; Vicente se encontra no centro de todas essas questões.

**Vicente está no centro de tudo o que acontece no plano militar e nos campos de guerras.**

Foi em 1618 que começou nas terras do Império na Europa Central o que a história chamará de “Guerra dos Trinta Anos” (1618-1648). O tratado de Westfália de 1648 colocou fim às guerras. Mas, após 1648, a guerra continuará em outras terras com a Espanha Católica; na época, a Espanha não é somente o território espanhol, mas também das possessões ao norte da Europa, nos Países Baixos, é por isso que podemos dizer que os espanhóis desciam e chegavam até a Picardia.

Durante a guerra dos Trinta Anos, em um primeiro momento, Luís XIII e Richelieu desejavam não engajar diretamente a França. Eles se limitam a um apoio indireto a alguns príncipes alemães contra Habsburgo em vista de um equilíbrio que permita à França conservar sua independência, pois, existe a ideia espanhola de estabelecer uma monarquia universal (trata-se de uma herança da época de Carlos V à qual a monarquia espanhola não renunciou).

A França não quer ficar sitiada entre os Habsburgo da Europa central e os Habsburgo da Espanha. Logo, houve um sutil jogo político de Richelieu, mas que não vai no sentido do que havia desejado Bérulle que queria que se pensasse em função de cristandade e, portanto, de uma aliança com a Espanha católica. Então, Luís XIII e Richelieu tentaram estabelecer alianças políticas, como por exemplo, com os príncipes alemães que são protestantes. (Isto foi também um problema porque se luta no reino contra os protestantes e, no exterior, alia-se a eles). Tudo isto, são os aspectos políticos de Luís XIII e Richelieu; em todo caso, em um primeiro momento, isto permitiu à França de permanecer relativamente fora do conflito.

A partir de 1635, a França entra em guerra aberta contra a Espanha e assim, entra na guerra dos Trinta Anos.

A consequência é que a França é invadida, primeiro o ducado de Lorena, depois a Picardia e Champanhe. Haverá um período terrível, sobretudo na zona rural, em que a sociedade civil e todos os que não são combatentes sofrem a passagem das tropas mercenárias que saqueiam e matam, os camponeses vão ser submetidos a um destino atroz. Vicente que tinha colocado em prática o essencial de suas obras, será levado a desenvolver amplamente a sua caridade nestas terras em guerras.

O ano de 1636 é o famoso ano da ocupação da cidade de Corbie na Picardia pelos espanhóis. Então, as tropas do Rei preparam a retomada da Corbie e Paris não será invadida, porém, durante este triste período, o país permanece em um estado desastroso. Foi neste mesmo ano que, no Priorado de São Lázaro, as tropas do rei se reuniram e se equiparam antes de partir para o Norte.

A tarefa de cuidar dos doentes é enorme, sobretudo no momento da Fronde. A Fronde foi uma guerra civil atroz que opôs várias grandes personalidades do reino - e suas tropas - entre 1648 e 1653. A Fronde foi violenta, sobretudo, em Paris, mas também em algumas outras regiões da França, especialmente em Bordeaux. Será em Paris que Vicente e os seus serão impulsionados a agir. Primeiro, acontece a Revolta da Magistratura em 1648, depois a revolta dos Príncipes, especialmente, o Príncipe de Condé que se opõe a Mazarino. Aproveita-se do fato de ser um período de regência, pois o Rei Luís XIV sendo ainda muito jovem, só atingirá sua maioridade (13 anos) em 1651. A guerra da Fronde terminará no final do ano de 1652 porque Luís XIV já é maior e a sua legitimidade é válida. No entanto, durante a regência de Ana d'Áustria, as pessoas se entregavam totalmente à causa, muito embora os combates fossem sem misericórdia.

O que é interessante é que Vicente coloca o Priorado de São Lázaro totalmente à disposição dos pobres e, além disso, tenta agir pela paz, porque conhece todo mundo no alto escalão do Estado, por causa do Conselho de Consciência; sendo ele também muito conhecido por causa de suas obras. Em janeiro de 1649, em meio a muitos perigos, Vicente parte para São Germano-em-Laye para ver a Rainha da Áustria e Mazarino, a fim de pedir-lhes que renunciassem ao bloqueio de Paris. Vicente não teve sucesso em seu empreendimento, pois o bloqueio aconteceu e durou três meses (de janeiro até o fim do março), fazendo muitos mortos e feridos. No entanto, é interessante ver que ele tentou, que ele gostou ter tentado, dado que ele se tornara o confessor da rainha. Isto mostra que Vicente, que nunca quis agir no terreno político, mas queria ser tudo para todos, junto aos mais humildes para servi-los, aos poderosos para sacudir sua consciência, considerou que naquele momento, dadas as relações que mantinha com as pessoas, ele devia tentar agir.

### **A questão do jansenismo**

Da mesma maneira, durante o tempo do Conselho de Consciência, Vicente será levado a tomar partido na contenda dos jansenistas a partir de 1643 até 1653, quando ele deixa o Conselho de Consciência e, além disso, Roma vai decidir sobre as cinco propostas. Após 1653, Vicente não vai mais entrar na questão dos jansenistas, julgando ter cumprido seu dever. As atividades da caridade o absorvem mais do que nunca.

No entanto, a questão dos jansenistas vai afetar o Reino, não somente no plano religioso, mas também no plano político, visto que existem implicações políticas, principalmente, por causa da ação da família Arnauld e também porque a França, sendo um país católico, tem uma interação com o Conselho de Consciência que nomeava as pessoas para todos os postos importantes da vida religiosa. Todavia, entre os jansenistas, existiam pessoas de alto valor moral, o que torna a situação dramática. Nesta dolorosa

questão, Vicente estava presente, mas como um homem de paz, no sentido do que disse Jesus: “eu vos dou a minha paz”; ele tanto eleva o nível do debate, ao mesmo tempo aprofundando-o, no sentido de o direcionar para as consequências para os mais pobres.

*Por que Vicente se posicionou contra os jansenistas, embora tivesse como amigo de juventude o Abade de São Cyran, que ele tinha defendido das intrigas políticas de Richelieu? Por que ele se contrapôs às posições de Antônio Arnaud, discípulo e continuador de São Cyran?*

Foi porque, em seu livro de 1643, sobre a “*frequência da comunhão*”, Antônio Arnaud argumentava que o católico de base estava separado dos sacramentos da Igreja. Era preciso ser tão perfeito para comungar que, em última instância, só poderia ser feito quando se chegasse ao momento final da vida. A situação era a mesma para o sacramento da Reconciliação: era preciso corrigir todas as faltas antes mesmo de confessar os pecados. Arnaud colocava tantos obstáculos no caminho da Confissão e da Eucaristia que se podia constatar, em Paris, uma espetacular diminuição das confissões e das comunhões.

Vicente age em nome dos pobres e lembra que os sacramentos são remédios, alimentos que não são para os santos, mas para os pecadores. Logo, é em nome deste carisma que Vicente se opõe ao jansenismo. Portanto, Vicente trouxe para a sua época esta visão, que era sua, por meio do que a Providência lhe inspirou.

## **O DESENVOLVIMENTO DA MISSÃO ALÉM DAS FRONTEIRAS**

A década de 1650 foi o momento do desenvolvimento da Missão em terras distantes. Vicente funda as missões em toda parte, especialmente na Polônia. Foi um período muitíssimo difícil para a Polônia que foi invadida pela Suécia: os ataques dos suecos deixaram o país devastado. Além disto, podemos acrescentar as epidemias de peste em Cracóvia e, depois em Varsóvia... A rainha da Polônia, Luísa Maria de Gonzaga, a antiga duquesa de Nevers, conhecia muito bem Vicente porque ela frequentava os círculos da época, o Palacete de Rambouillet, todo este mundo da nobreza e da alta magistratura que gravitava, ao mesmo tempo, nas obras de caridade. Ela pensa que o Padre Vicente deve salvar a Polônia e pede-lhe para enviar missionários e Filhas da Caridade, o que consegue. A resposta positiva de Vicente está no prolongamento dessas responsabilidades, referentes a tudo o que conta em seu tempo. Os missionários enfrentam os desastres, doam-se até o limite de suas forças. Vicente fica muito tocado, mostra a que ponto ele assume, pessoalmente, o destino deste país. Os vínculos entre a França e a Polônia tomam, para ele, uma forte densidade humana.

Vicente envia também missionários para a Itália, Roma, depois para Gênova e Turim. As missões em Argel e Túnis permitem que os missionários exerçam seu apostolado junto aos pobres escravos cativos na Barbária. Missão com os galerianos, compra de escravos do lado da costa ibérica... a tarefa não é fácil.

O mais comovente talvez seja o caso de Madagascar. Quando Vicente enviou os seus dois primeiros missionários para Madagascar em 1648, ele confessa a um deles que teria preferido partir ao lado deles. Tanto para Vicente como para toda a sua geração, a missão não é facultativa. É muito importante ir anunciar o Evangelho até as extremidades da terra porque é necessário para a salvação. Na época, partia-se de uma visão um pouco mais estreita das coisas, segundo a qual se considerava que, fora da Igreja, não existia salvação e, a partir do momento em que Cristo se encarnou, é preciso conhecer seu Evangelho e aderir a seu projeto para poder ser salvo. O Concílio Vaticano II permitiu uma compreensão mais profunda das coisas, evocando os vínculos entre a Igreja visível e a Igreja invisível, e o papel da comunhão dos santos. No entanto, será realmente por causa desta convicção que a Igreja enviou tantos

missionários - teria sido ela um pouco estreita? A partir de 1615, após a ida dos Recoletos, os Jesuítas estão no Canadá, eles passam por muitas dificuldades inclusive o martírio. Vicente se inscreve exatamente neste espírito evangelizador de sua época. Aliás, é por isso que terá os mesmos protetores. A Duquesa de Aiguillon sustenta financeiramente as missões do Canadá e ela é uma providência para as missões vicentinas. O Comendador da Ordem de Malta, Noël Brulart de Sillery que se converteu verdadeiramente à caridade; ele também será um grande benfeitor das obras de Vicente.

## CONCLUSÃO

É importante ter orgulho de um período como este e daqueles que o ilustraram. Ao tornar-se Santo, Vicente é um santo da Igreja Universal; no entanto, a verdade é que, através de sua proximidade histórica com todos os grandes do reino da França, ele se tornou uma figura francesa da caridade e é visto como tal. As dificuldades que teve de enfrentar não são fundamentalmente diferentes das que podemos viver hoje. A época em que ele começou a agir, era uma época onde nada era dado; após as guerras de religião, tudo estava devastado, podiam ter ficado desesperados, no entanto, havia almas fortes que acreditaram na Providência, que acreditaram como Vicente, que elas podiam agir e isto transformou a época. De certa maneira, isto gerou o Grande Século, o século de Luís XIV, mesmo se a primeira parte do século deva ser considerada por si mesma.

Hoje, somos chamados a buscar a inspiração da encarnação do carisma no século, deste carisma, desta humildade com o qual se inscreve em seu tempo, aceitando as dificuldades do tempo e enfrentando-as de uma forma adaptada ao século XXI; esta é a nossa vocação.

Marie-Joëlle Guillaume  
Historiadora católica

## Notas

<sup>1</sup> Não devemos confundir com a segunda « Maria da Encarnação”, Maria Guyart que irá evangelizar o Canadá.